

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR LITORAL

JULIANA MELCHIORI OLIVEIRA COUTO

EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE
A Arte da Conscientização e Transformação Pessoal



MATINHOS

2012

JULIANA MELCHIORI OLIVEIRA COUTO

EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE

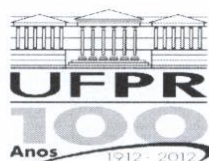
A Arte da Conscientização e Transformação Pessoal

Trabalho de conclusão de curso apresentada a Coordenação Docente da Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar, como parte dos requisitos impostos para comprovação de minha eficácia em propor e agir no ambiente através de um olhar interdisciplinar. Aqui jaz o fechamento de um ciclo.

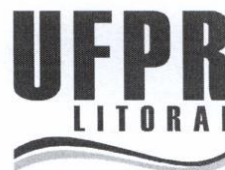
FOMENTADOR DA CAMINHADA: Valdo José Cavallet.

MATINHOS

2012



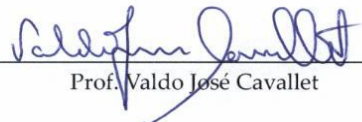
Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
UFPR Litoral
Curso de Especialização em Questão Social
pela Perspectiva Interdisciplinar



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador, Professor **VALDO JOSÉ CAVALLET**, realizaram em 14/12/2012 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **JULIANA MELCHIORI OLIVEIRA COUTO**, sob o título "*EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE A Arte da Conscientização e Transformação Pessoal*", para obtenção do Título de *Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante recebido conceito "APL".

Matinhos, 14 de dezembro de 2012.


Prof. Valdo José Cavallet


Profª. Ione Maria Aschidamini


Prof. Alaor de Carvalho


JULIANA MELCHIORI OLIVEIRA
COUTO
Estudante

LEGENDA DE CONCEITOS	APL = Aprendizagem Plena	APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
	AS = Aprendizagem Suficiente	AI = Aprendizagem Insuficiente

OBSERVAÇÃO:

CASO O(A) ESTUDANTE SEJA ORIENTADO(A) A REFORMULAR SEU TRABALHO, DEVE-SE REGISTRAR NO VERSO OS REQUISITOS APONTADOS PELA BANCA PARA O ACEITE FINAL DO TRABALHO.





Fonte: Imagem da Internet

À todas as crianças,
que vem para este planeta para mais um ciclo de transformação.
Aos espíritos de luz que auxiliam em minha jornada.
À família terrena que proporcionou bases para o estudo.
À todos os seres que participam de minha caminhada na Terra.
... Só permanece gratidão.

*“O orgulho faz calar a voz do coração,
Nos impede de ver o que devemos enxergar
Caminhando sempre mais do que precisa andar
É um grande adversário para nós
Com o sal do teu suor cada vez mais,
Livrarás de você um sentimento tão ruim
Observe cada gesto cada coisa ao seu redor
Esteja sempre para a evolução”*

Mensagem psicografada (2010)

LISTA DE EPÍGRAFE

EPIGRAFE 1	- Renato Russo.....	11
EPIGRAFE 2	- Humberto Maturana.....	17
EPIGRAFE 3	- Machado de Assis.....	24
EPIGRAFE 4	- Roland Barther.....	27
EPIGRAFE 5	- Autor desconhecido.....	31
EPIGRAFE 6	- Sergio Váz.....	38
EPIGRAFE 7	- Albert Einsten.....	39
EPIGRAFE 8	- Carl Jung.....	47
EPIGRAFE 9	- Gaivota Peregrina.....	48
EPIGRAFE 10	- Emmanuel.....	51
EPIGRAFE 11	- Juddy Krishnamurti.....	52
EPIGRAFE 12	- Rubem Alves.....	54
EPIGRAFE 13	- Prabhat Sarkar.....	54
EPIGRAFE 14	- Allan Kardec.....	56
EPIGRAFE 15	- Autor desconhecido.....	60
EPIGRAFE 16	- Paulo Freire.....	63

O RESUMO DE UMA PARTE

A educação deve saber dialogar, valorizar os conhecimentos populares, preconizar a aprendizagem via processos cooperativos, sabendo respeitar as individualidades e temporalidades de cada indivíduo, possibilitando o empoderamento dos atores envolvidos. O presente projeto iniciou-se em 2010, através de trabalho voluntário, onde propunha através do teatro de bonecos a divulgação de uma realidade socioeconômica e ambiental da região, com o intuito de sensibilizar e educar a população em relação a questão. Em outubro de 2011, o projeto foi acolhido pela Motirõ Sociedade Cooperativa, sendo nomeado de Guapuruvu, na qual sofreu profundas transformações, ampliando-se para outros campos de atuação. A partir de princípios embasados na antroposofia, arte-educação e na conservação do ambiente, o projeto preocupa-se em auxiliar o indivíduo a educar-se, por meio do processo de autoconhecimento, a partir da construção de espaços socioeducativos para diálogos, compartilhamento de conhecimentos e do desenvolvimento de práticas lúdicas, com o intuito de se alcançar um bem-estar, aprimorando o ensino/aprendizagem e sensibilizando todos os envolvidos sobre a realidade da região. Essas atividades envolvem os sentidos do público pelas cores, figurinos, textos, sons e diversidade de linguagem, gerando múltiplos estímulos, que os levam à interação uns com os outros, com altas doses de brincadeiras, amor e alegria, conduzindo-os para a construção de um conhecimento coletivo, um mergulho na arte do aprendizado. Acreditamos que no processo crescente de se conscientizar, novos olhares e conhecimentos são construídos, acarretando numa possível mudança de paradigmas, hábitos e ações individuais, que eventualmente serão exteriorizadas no ambiente e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Arte, Educação e Espiritualidade

THE SUMMARY OF A PARTY

*T*he education should learn to dialogue, enhance knowledge popular, advocating learning through cooperative processes, knowing and respecting the individuality of each individual temporalities, enabling the empowerment of the actors involved. This project began in 2010, through volunteer work, which proposed using the puppet theater disclosure of an environmental and socioeconomic reality of the region, in order to raise awareness and educate the public about the issue. In October 2011, the project was welcomed by Motirõ Cooperative Society, being named Guapuruvu, which has undergone major changes, expanding to other fields. From principles grounded in anthroposophy, art education and conservation of the environment, the project is concerned with helping the individual to educate themselves through the process of self-knowledge, to the construction of socio-educational spaces for dialogue, sharing knowledge and the development of playful practices, with the aim of achieving wellness, improving the teaching / learning process and sensitizing all concerned about the reality of the region. These activities involve the senses of the audience by the colors, costumes, texts, sounds and language diversity, generating multiple stimuli, which lead them to interact with each other, with high doses of pranks, love and joy, leading them to build a collective knowledge, a dip in the art of learning. We believe that in the process of increasing awareness, new perspectives and knowledge are constructed, resulting in a possible paradigm shift, individual habits and actions, which will eventually be externalized to the environment and society.

KEYWORDS: Art, Education and Spirituality

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1	- Monocultura de pinus a caminho da comunidade São Joãozinho.....	22
FOTOGRAFIA 2	- Apresentação do teatro “O Sumiço da Mandaçaia” na IV Feira de Profissões, 2010. Abelhas mandaçaia Manda (eu), Melácia (Denise Lima) e florzinha (Priscila Santos) coletando pólen.....	23
FOTOGRAFIA 3	- Apresentação do teatro “O Sumiço da Mandaçaia” na IV Feira de Profissões, 2010.músicos Rick Badra, Ciro Jr, Lucas e Caio. Fotos por Antônio Lima.....	23
FOTOGRAFIA 4	- Confecção dos bonecos para o teatro "O Sumiço da Mandaçaia" com Elizangela Sarraff. Centro Cultural UFPR Litoral 2010/2011. Segurando bonecos.....	24
FOTOGRAFIA 5	- Confecção dos bonecos para o teatro "O Sumiço da Mandaçaia" com Elizangela Sarraff. Centro Cultural UFPR Litoral 2010/2011. Confeccionando.....	24
FOTOGRAFIA 6	- Apresentação do teatro na 10ª Jornada de Agroecologia. Músico Ciro Junior e bonecos. Foto por Joka Madruga.....	31
FOTOGRAFIA 7	- Apresentação do teatro na 10ª Jornada de Agroecologia. Manipuladoras: voluntária, Mariana Akemi, Juliana Melchiori e Renata Lays. Foto Joka Madruga.....	31

LISTA DE SIGLAS

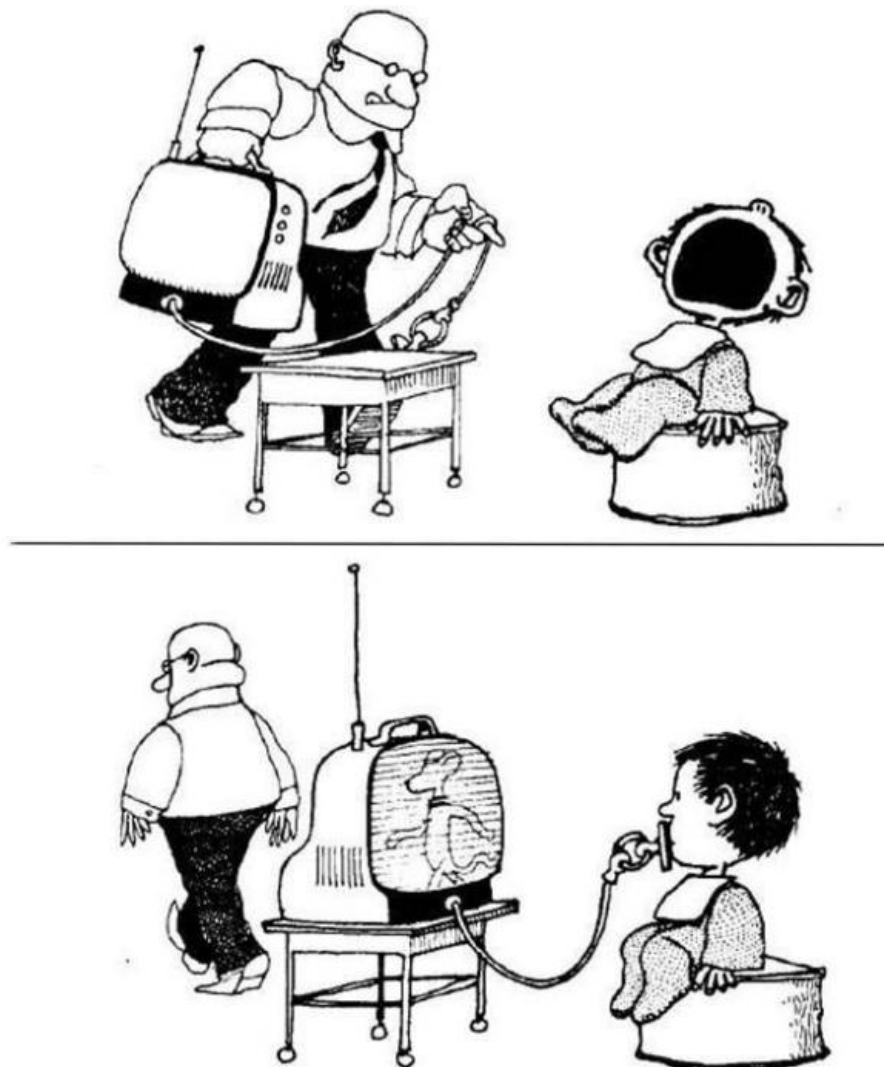
UFPR	-	Universidade Federal do Paraná
ICH	-	Interações Culturais Humanísticas
IAP	-	Instituto Ambiental Paranaense
ONG	-	Organização Não-Governamental
PA	-	Projeto de Aprendizagem
FTP	-	Fundamentos Teóricos Práticos
UC	-	Unidades de Conservação

SUMARIO

INTRODUÇÃO COM RENATO RUSSO E QUINO.....	14
APRESENTAÇÃO DE UM SER HUMANO EM DESCONSTRUÇÃO.....	15
PARTE I: O INÍCIO – A LAGARTA	
O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA UNIVERSIDADE E A CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO.....	21
O teatro dentro do contexto educacional.....	27
O teatro infantil e a experiência do teatro de bonecos “O Sumiço da Mandaçaia”	31
PARTE II: O MEIO – O CASULO	
POLÍTICA TRANS-FORMA-AÇÃO NA SOCIEDADE PELA ESCOL(A).....	35
In - versão da escolarização e a com-ciência de ser.....	42
PARTE III: O FIM DE UM CICLO – A BORBOLETA	
NO FIM TUDO VOLTA AO C(OM)EÇO.....	51
Uma nov(a) p(arte) de en(si)nar.....	55
Textos que falei.....	64
CONCLUSÃO QUE S(OU)TRA.....	67
REFERÊNCIA NESTE TRABALHO.....	68

*“Somos filhos da revolução, Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação, Geração coca-cola”*

Renato Russo



APRESENTAÇÃO DE UM SER HUMANO EM DESCONSTRUÇÃO



m agosto de 2006, iniciei minha vida universitária. Na época meu conceito de universidade sempre fora algo similar a uma academia militar. Os alunos seriam considerados pessoas inferiores comparada com os Mestres, devido sua bagagem intelectual menor, da qual devem respeitar e obedecer as ordens de ensino e estudo. Por ter essa visão, nunca me interessei em fazer um curso. Só ingressei devido aos meus pais, principalmente pela minha mãe, que sempre sonhou em fazer uma graduação e nunca teve oportunidade. Por amor aos meus pais e medo de frustra-los, esforcei-me para entrar num curso superior gratuito.

Após ingressar, em duas semanas já estava participando de um seminário, ocorrido no município de Paranaguá. Foi nesse evento que tive o primeiro contato com o Prof. Valdo Cavallet, Diretor da Universidade Setor Litoral. Num primeiro momento, fiquei impressionada com o fato de um Professor-Doutor-Diretor conversar com alunos. Estava num grupo de amigas do curso de fisioterapia, quando ele se aproximou conversando, ao ponto de chegar a tocar no meu ombro. Tinha em mente que pessoas que ocupavam certos cargos, tal como Cavallet, nunca iria notar a presença de outras pessoas que não fosse de seu interesse. A partir daquele gesto, comecei uma longa jornada de desconstrução.

A experiência de uma recepção calorosa e divertida, foi um super aprendizado. Gerou um bem-estar importantíssimo para a interação com um novo ambiente, com uma nova etapa da vida. Diferente do que ocorre no estado de São Paulo, local onde nasci e cresci, onde é frequente o número de histórias de torturas, humilhações e até de morte durante a semana dos calouros. Para não ser agredido ou excluído pela turma, os recém-chegados são submetidos a práticas que incluíam torturas com animais abandonados dentro do campus (cães e gatos); jogos com fezes e alimentos em decomposição; incentivo ao uso de entorpecentes e bebidas alcoólicas, dentre outros. O pior de toda a situação é a neutralidade e naturalidade das instituições de ensino em relação assunto.

A vivência relacionada à área da educação iniciou com a participação no IX EPEA – Encontro Paranaense de Educação Ambiental e II Fórum Regional de Educação Ambiental (setembro/2006), no município de Guarapuava. Lá tive a oportunidade de conhecer Genebaldo Freire Dias – escritor, professor e educador ambiental, que argumentou a respeito da importância das escolas adotarem processos pontuais de ensino valorizando as riquezas naturais, materiais e culturais que estão inseridas. Apesar do discurso, muitas das ações praticadas por educadores e professores do evento, desestimularam-me, o que fez com que optasse por outro campo de atuação.

Na época, um projeto de extensão universitária na comunidade rural José Lutzemberguer, em Antonina, estava sendo desenvolvido por alguns docentes. Por ter afinidade com o campo, devido ao histórico familiar por parte de mãe (êxodo rural), interessei-me pelo tema. Ingressei ao grupo e lá conheci Francisco Amaro, que na época cursava agroecologia. A afinidade foi grande ao ponto de construirmos juntos, um projeto intitulado “Resgate do saber local da Comunidade José Lutzemberguer sobre plantas medicinais nativas e exóticas da Mata Atlântica”. Ao mesmo tempo, um grande módulo de reconhecimento do litoral, ministrado pelos docentes do curso de gestão ambiental, com saídas a campo em unidades de conservação, museus de história, centros de triagem de animais silvestres, trilhas ecológicas e debates, como o ocorrido com a Marina Silva, que naquela época ocupava o cargo de Ministra do Meio Ambiente. Também cheguei a ingressar em uma bolsa de agroecologia, na qual pude aprofundar-me sobre o tema, por meio de leitura de livros e artigos específicos, na organização de eventos agroecológicos e trabalhos de educação ambiental em escolas rurais (Morretes), dos quais auxiliaram na construção de uma percepção voltada ao desenvolvimento sustentável por meio de práticas agroecológicas e educação no campo.

Nesse período, a questão das problemáticas socioambientais relacionadas ao meio costeiro começou a ser abordado nos módulos da graduação. Vi a importância de aprofundar-me no assunto por meio da vivência e da prática que encontrei participando de congressos, simpósios e encontros, dos quais pude fazer muitos contatos com profissionais, instituições e organizações não governamentais de proteção e conservação de ecossistemas costeiros e mamíferos marinhos. Vi a oportunidade que tanto queria, em atuar frente à ONG's, entretanto, tinha o

compromisso de finalizar o projeto que havia iniciado com a comunidade rural e com Francisco, que estava para se formar. Um ano depois, terminávamos o projeto, com direito a publicação e premiação no III Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social, em Teresópolis (RJ).

No mesmo período envolvi-me em uma briga entre alguns pescadores, (família de seu Osmar), com a prefeitura de Matinhos. Segundo eles, a prefeitura estava retirando areia da praia e da foz do rio para depositar na garagem da prefeitura, com o intuito de tampar buracos de ruas e campinhos de futebol. O mais grave foi a destruição da restinga local, onde a família de seu Osmar, junto com um aluno de agroecologia, estavam recuperando e reflorestando. A situação se agravou quando foi comprovada a liberação do órgão ambiental (IAP) para tal atividade. O caso foi protocolado e levado junto ao Ministério Público. Ao decorrer do processo, várias ameaças de morte foram feitas a mim e a família do Osmar, fazendo agravar o estado de saúde de sua mulher, que veio a falecer tempos depois. Com a notícia publicada no jornal Gazeta do Povo, ouve várias repercussões sobre o assunto. Na época o chefe regional do IAP, Reginato Bueno, fora afastado do cargo e da foz do Rio, foi feito contenção.

Nesse momento, vi-me obrigada a dar um tempo para mim mesma. Saíra dessa história cansada, desanimada e muito frustrada. Apesar das ações do ministério público, a família de seu Osmar já não era a mesma, o rio já não era o mesmo e a restinga, outrora tão viva e verde, quase nada havia sobrado. De mim, nada restava em meu coração a não ser aquele sentimento de incapacidade de solucionar problemas. Problemas... Por mais que trabalhasse em prol da conservação do ambiente, sempre surgiriam mais problemas. Onde estava a fonte de todo o mal?

Foi numa faxina doméstica que encontrei os contatos das ONG's de conservação marinha que outrora havia contatado. Era isso! Tinha que pertencer a alguma entidade para que minhas ações resultassem numa real modificação no ambiente e na sociedade! Com isso tranquei o curso universitário por um ano joguei mundo a fora.

No voluntariado em ONG's, revivi um lado artístico do qual havia abandonado desde os primórdios do ensino médio. Dediquei minha força de trabalho na monitoria de cetáceos e répteis (Baleia Franca, Baleia de Bryde, Cachalote,

Baleia Fin, Orcas, golfinhos em geral e tartarugas) e meu amor e criatividade em atividades de educação ambiental, com a elaboração de peças teatrais, confecção de figurino, jogos e atividades lúdico-educativas. Também vivenciei muitos conflitos internos e externos. Desconstruí a ilusão de que ONG's trabalham para "salvar o planeta". Assisti, lutei e decepcionei-me com várias atitudes: era coordenador autoritário mandando voluntário jogar resto de formol em restinga; chefe de unidade de conservação usando roundup (veneno ilegal no Brasil) para exterminar espécies exóticas; atropelamento de animais por mero desrespeito a qualquer forma de vida; preconceito em relação a culturas diferentes; uso de imagens da comunidade e animais carismáticos para acumulação de capital; e muito "ISMOS", individualismo, nacionalismo, xenofobismo, egocentrismo e autoritarismo; entre outros problemas acometidos pelas próprias atividades econômicas que alimentam o sistema, tais como as atividades portuárias, presentes em boa parte dos lugares por onde passei (Litoral do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Espírito Santo, Portugal e Espanha). Após todas essas vivências, já não era mais a mesma pessoa.

Quando voltei para a universidade, meus pensamentos estavam voltados para estudos relacionados aos impactos antropogênicos no ambiente. Na época, coincidentemente, o tema em voga era a questão da criação do porto em Pontal do Sul e Epidemiologia Ambiental (módulo do curso). Logo, resolvi desenvolver um projeto sobre os impactos portuários no ambiente e nas comunidades tradicionais pesqueiras do litoral. Durante meses, revirei dados coletados ao longo das vivências nas ONG's, li livros e artigos sobre o tema, participei de eventos e procurei professores da área para esclarecer dúvidas e questionamentos. Formei dupla com uma aluna do curso de fisioterapia, Cristhine Ferreira, para escrever um projeto a respeito da saúde e poluição ambiental. Acreditei, por um tempo, que seria possível sensibilizar as pessoas pela causa da conservação da natureza, através da relação entre problemas de saúde com contaminação ambiental. No Encontro Nacional de Gerenciamento Costeiro, ocorrido no Rio de Janeiro (novembro/2009) chegamos a publicar um estudo sobre a questão da saúde nos relatórios de impacto ambiental dos portos de Paranaguá (PR) e São Sebastião (SP).

Havia certeza de que tinha encontrado uma solução para a fonte de todo o mal, até entrar em contato mais profundo com comunidades das Ilhas (Valadares e Peças) e Guaraqueçaba. Em conversas localizei casos de neoplasia intestinal e

fiquei intrigada com a ocorrência desta. Formulei a hipótese da ocorrência dessa doença devido a alimentação de caranguejo, mexilhões e vísceras de peixes, contaminados por metais pesados proveniente da baía de Paranaguá, mais precisamente dos Portos (Paranaguá e Antonina), indústria de fertilizante e uso de agrotóxicos no entorno da baía. O até então estágio provisório no Porto de Paranaguá (APPA), permitiu coletar várias informações a respeito do vazamento de metais pesados e de desastres ambientais, tal como o do navio Vicuña, em 2004. Digo provisório, pois no decorrer de três meses pedi o cancelamento do estágio. Não engolia o plano de gestão ambiental portuária.

Após essa hipótese, veio a dúvida: “e se realmente pudesse provar, após coleta de dados com a comunidade, de que essa hipótese é real? O que poderia ser feito em benefício dessas comunidades, uma vez que vários se encontram a quilômetros de distância de tratamentos médicos adequados para tal situação?”. Cheguei a levar o caso a um Seminário de Saúde Coletiva, ocorrido em Curitiba, da qual a doutora em questões de bioética, não soube responder. Também fui incentivada a realizar o estudo com a promessa de uma possível bolsa de mestrado, mas do que adiantaria? Estaria sendo promovida pela minha eficiência acadêmica enquanto que na comunidade o problema iria continuar. A maioria dos estudos de caso que procurei a respeito do assunto, nada foi feito de transformador nas comunidades estudadas. Os únicos resultados desse tipo de estudo é a comprovação científica da existência da fonte causadora do problema, mas nunca uma solução. E não encontrando uma saída a realidade em que vivenciava, fiquei sem rumo.

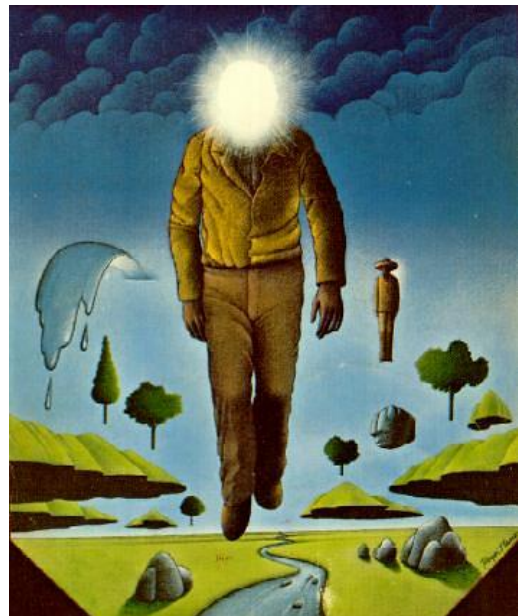
Comecei a desinteressar-me pelos estudos acadêmicos e em seguida pela própria universidade. Do que me adiantaria tantos conhecimentos, tantos livros, participação de eventos, vivências, se não era capaz de encontrar uma solução aos problemas em minha volta? Não aceitava a ideia de estudar e trabalhar em algo em que o maior beneficiado fosse meu ego, enquanto que o ambiente e as pessoas se degradavam em minha frente. Estava decidida a virar monja, mas até no monastério, vi e ouvi coisas que não condiziam com que acreditava. Entrei no mais profundo silêncio dentro de mim mesma que se agravou com o término de uma longa relação e uma crise financeira familiar bem complicada. Por um momento achei que não iria

resistir a tudo o que esta acontecendo. Não sabia mais quem eu era, o que gostava o que queria. Tudo havia sido desconstruído.

Logo vi a necessidade de caminhar. Senti a fome de redescobrir-me para poder enxergar as belezas da vida e como uma lagarta, comecei a devorar tudo em minha volta...

“Não vemos as coisas como são, vemos as coisas como somos”

Humberto Maturana



Fonte: Imagem da Internet

PARTE I

O Início A Lagarta



O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA UNIVERSIDADE E A CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO

A estrutura pedagógica do projeto político da Universidade Federal do Paraná Setor Litoral (UFPR – Litoral) está traduzida em uma organização curricular diferenciada. Ela objetiva a integração da pesquisa, ensino e extensão, através de uma educação onde o humano possa articular e se envolver com o ambiente, propondo e desenvolvendo atividades que possam melhorar a qualidade da realidade local e a integração entre a comunidade da universidade e a comunidade regional. Para isso, o projeto articula seu currículo em três grandes fases: 1º ano - conhecer e compreender; 2º e 3º ano - compreender e propor e 4º ano - propor e agir. Essas fases são desenvolvidas dentro de outros três grandes módulos, constituídos por: 1) Fundamentos teórico-práticos (FTP) - onde no lugar de disciplinas, os estudantes cursam módulos semestrais, cuja estrutura é mais flexível e onde são preparados para um trabalho interdisciplinar e multidisciplinar; 2) Interações Culturais Humanísticas (ICH) e 3) Projetos de Aprendizagem (PA), na qual completam o curriculum, sendo estes organizados ao decorrer dos cursos (Hamermüller, 2008).

As ICH's consiste num espaço de aprendizagem ocorrido através de encontros semanais, onde possibilita estudantes de diferentes cursos interagirem e articularem entre si, de diversos saberes científicos, culturais, populares e pessoais, desenvolvendo um olhar amplo às problemáticas socioambientais contemporâneas. Contudo, o grande diferencial da proposta esta na estratégia da aprendizagem do ensino por projetos. Os envolvidos são educados para a construção de uma leitura

da realidade, sendo capazes de tomar novas posições e realizar novas propostas. No caso, desde o ingresso da universidade, cada estudante constrói seu PA, que permite a construção, de maneira integrada, de seu conhecimento. Através dessas fases, a universidade exercita e estimula na comunidade acadêmica, tanto de docentes quanto dos discentes, técnicos administrativos e funcionários, a sensibilização para a complexidade das questões que envolvem a região.

A partir dos fundamentos teórico-prático, articulados com saberes vinculadas as problemáticas socioambientais apresentados no ICH e com o empoderamento de propor e agir, tanto no campo individual quanto em cooperação com outros indivíduos, foi possível elaborar, construir e atuar dentro da realidade local, identificando-me como agente transformador do ambiente. Tal caminho percorrido proporcionou profundas modificações dentro de meu ser, uma vez que tive a oportunidade de canalizar toda minha indignação em relação as desigualdades e crueldades mundanas em arte, não querendo outra doce ocupação a não ser o de contribuir com outros seres humanos, na construção de si mesmos e de um novo olhar sobre a vida.

No caso, o projeto elaborado titulava-se: Divulgação Científica para a Conservação das Abelhas Nativas através do Teatro de Bonecos, apresentado a câmara do curso de Gestão Ambiental e aos alunos em junho de 2011. O projeto tinha como objetivo, divulgar e popularizar os dados de pesquisas científicas sobre impactos antropogênicos no ambiente e nas abelhas indígenas, através de métodos artísticos para práticas pedagógicas, no caso, o teatro de bonecos intitulado “O Sumiço da Mandaçaia”, com foco na conservação do ambiente, das abelhas sem-ferrão e da difusão dos princípios da agroecologia, além de fortalecer a corrente de pesquisadores, educadores, professores e afins que acreditam nas metodologias lúdicas para a construção do ensino e aprendizagem. A metodologia artística foi utilizada por três intenções: o de estimular a curiosidade do público para desenvolverem opiniões mais concisas; o de sensibilizar o público às coisas ambientais; e o de divulgar e popularizar conhecimentos científicos gerados dentro da academia em uma linguagem mais simples e de acesso a todos.

Esse projeto foi o resultado da organização curricular diferenciada da universidade. Através dos fundamentos teórico-práticos do curso de gestão ambiental, acrescido de minhas vivências pessoais, pude compreender a realidade

do litoral, diagnosticar problemáticas de diversas ordens (social, cultural, política, econômica, ambiental), e por fim, propor e agir um trabalho que possibilitasse a transformação da realidade. E realmente transformou, principalmente meu ser...

Na época, como estudante de gestão ambiental, compreendi que estava inserida dentro de um território com a maior extensão de florestas nativas contínuas do Brasil, e que por sua beleza cênica e conservação, a região teve seu status elevado pela ONU à condição de Reserva da Biosfera. Essa beleza litorânea pertence a sete municípios: Guaraqueçaba, Morretes, Antonina, Paranaguá, Pontal do Paraná (Sul), Matinhos e Guaratuba, onde são encontrados 27 Unidades de Conservação (UC's) de diferentes tipos de categorias. Estes são espaços territoriais que são instituídos pelo Poder Público, sob regime especial de administração com garantias de proteção (Medaur, 2005). No caso do Estado do Paraná, existem 68 unidades de conservação estaduais, totalizando 1.205.632 hectares de áreas conservadas, nas quais 45 são Proteção Integral e 23 unidades de conservação de Uso Sustentável (IAP, 2011).

Também, fui sensibilizada pela causa das abelhas sem ferrão. Percebi a importância desses seres tão minúsculos sob a ótica do conservacionismo, da agroecologia e de alternativa de renda para a comunidade. Não tinha ideia da relação de especialização esses insetos e plantas, ao longo da cadeia evolutiva. Algumas plantas desenvolveram flores com características para serem visitadas por determinadas abelhas, ao mesmo tempo em que se tornaram altamente adaptáveis a elas.

Amaral (1953) cita exemplos da polinização específica realizado por meliponídeos. No caso da Mamangava, por ser grande, ocupa um papel importante na polinização do maracujá. As Irapuás são úteis para a polinização da *Crotalaria juncea*, uma vez que elas abrem pequenos furos nas flores onde se encontram as anteras e os estigmas, com a finalidade de coletar o pólen, efetuando assim, sua polinização. O trabalho desses insetos é de tal importância que seus produtos como o mel, a cera e a geleia real, estão abaixo daquele representado pela sua ação junto as flores.

Quanto a Mandaçaia (abelha escolhida como tema para o teatro) é encontrada em muitas regiões do território nacional, desde a Paraíba até o Rio Grande do Sul, sendo considerada uma das mais populares da Floresta Atlântica,

seguida da jataí (*Tetragonisca angustula*) e uruçú (*Melipona scutellaris*) (Nogueira-Neto, 1997). É uma abelha robusta, de tamanho grande quando comparada com outros meliponídeos, de cor preta com quatro listras amarelas transversais em seu abdome. Na linguagem indígena, significa vigia bonito (mandá: vigia) (çai: bonito), fato este por se observar no orifício de entrada da colmeia uma abelha sempre presente, ou seja, a vigia¹. Devido a sua docilidade, tornam-se excelente material lúdico para os adultos e um instrumento de educação ambiental para as crianças.

Mesmo tendo as UC's sob garantia de proteção pelo Poder Público, vários impactos socioambientais foram diagnosticados, tais como o uso indiscriminado de agrotóxicos e a prática de monocultura. Um exemplo é a área rural do município de Guaratuba, onde a agricultura de subsistência de comunidades tradicionais e a monocultura de banana, pinus e palmito, praticada por uma elite, dividem o mesmo espaço. A região destaca-se por ser a maior produtora de banana no Paraná, com três mil e duzentos hectares de plantio em área contínua entre a região de Cubatão e Limeira, organizada por associação de produtores responsáveis pela comercialização final desses produtos (Ferreira, 2010). Também, em Cubatão é visto a monocultura do palmito de palmeira real e de pupunha (Kantek, 2009). Na Comunidade de São Joãozinho, a mata nativa vem se extinguindo devido ao aumento da monocultura de Pinus (Ferreira, 2010). (Figura 1)



Esses riscos desencadeiam uma série de interferências nas relações de trocas energéticas das UC's, como o Parque Nacional Saint Hilaire/Lange, Parque Estadual de Boguaçu e a Área de Proteção Ambiental de Guaratuba. Apesar do autor não comentar sobre a relação de seres humanos com os meios naturais, concordo com Dorts (1973) quando diz que “*A importância de uma reserva natural se avalia pelo estado dos habitats e das populações animais e vegetais que ali se encontram em equilíbrio com o seu meio*”.

Fotografia 1. Monocultura de pinus a caminho da Comunidade São Joãozinho.
FONTE: A autora (2010).

¹ Associação Paulista de Apicultores Criadores de Abelhas Melíferas Europeias. Disponível em: <www.apacame.org.br>.

E com todos esses impactos, a própria questão da polinização, primordial para o equilíbrio do sistema, acaba por ser afetada.

A partir do conhecimento dessa realidade, atrelada a bagagem cultural e histórico de vida, juntamente com o anseio em agir no ambiente e vivenciando um espaço universitário que permite a construção da aprendizagem, comecei a construir-me por meio da elaboração de do projeto: *“Divulgação Científica para a Conservação das Abelhas Nativas através do Teatro de Bonecos”*. Ressalta-se que a partir de uma vivencia no espaço do ICH, o trabalho começou a ser elaborado. No caso, o tema da oficina era sobre Meliponídeos (Abelhas indígenas brasileiras ou Abelhas Sem-Ferrão), ministrado pelo Prof. Hermes Palumbo, a convite do Prof. Renato Boichichio. O amor de Palumbo pelas abelhas cativou-me. A oficina sensibilizou-me a tal ponto, que ao final desta havia elaborado uma história sobre a importância desses insetos no ecossistema.

Com o intuito de transformar a história em peça teatral, comecei a articular um grupo interdisciplinar de alunos dos cursos de Licenciatura em Artes, Licenciatura em Ciências, Gestão Ambiental, Agroecologia, Linguagem e Comunicação, dispostos a confeccionar e atuar na peça teatral voluntariamente. A primeira e única apresentação fora realizado na IV Feira de Profissões da UFPR Litoral (maio/2010) (Figuras 2 e 3). Projetavam-se apresentações teatrais em escolas com apoio do Prof. Boichichio, até o desaparecimento do material utilizado na peça e com isso o desinteresse dos estudantes pela continuidade do trabalho.



Fotografias 2 e 3. Apresentação do teatro “O Sumiço da Mandaçaia” na IV Feira de Profissões, 2010. Abelhas mandaçaia Manda (eu), Melácia (Denise Lima) e florzinha (Priscila Santos) coletando pólen e os músicos Rick Badra, Ciro Jr, Lucas e Caio.
FONTE: Antônio Lima

O projeto ficou parado desde então. Após a participação do 10º Festival de Formas Animadas e do 7º Seminário de Formas Animadas, ocorrido no mês de outubro, no município de Jaraguá do Sul (SC), foi possível fazer contato com vários pesquisadores e profissionais da área. Em conversas formais, afirmavam que nos últimos anos, no Brasil, houve um aumento da investigação sobre a teoria e a prática da linguagem artística do teatro quanto sua inserção nos vários níveis e modalidades de ensino. Essa vivência foi um motim para reformular o projeto, adaptando e melhorando o roteiro de teatro de atores para um teatro de bonecos.

Para a continuação do projeto foi necessário realizar algumas parcerias. No caso, foi feito um acordo com o Projeto LabMóvel - Laboratório Móvel de Educação Científica, projeto docente da UFPR, na qual destinou uma bolsista para a confecção dos bonecos (Elizangella Sarraff do curso de Licenciatura em Artes – Turma 2008) e uma parte dos materiais destinado em apoiar e interagir em conjunto ao projeto de aprendizagem. Em seguida foi feito um estudo para a confecção dos personagens, tais como materiais para cor da pele, vestimentas, cor dos olhos e cabelos. Também se optou em valorizar o folclore nacional inserindo na peça personagens mitológicos brasileiros. Foram cinco meses (novembro de 2010 à abril de 2011) para o estudo, elaboração e confecção de nove bonecos de espuma de 40 cm (Figuras 4 e 5). Elegeu-se esse tipo de material, pois a intenção era confeccionar personagens chamativos aos olhos do público.

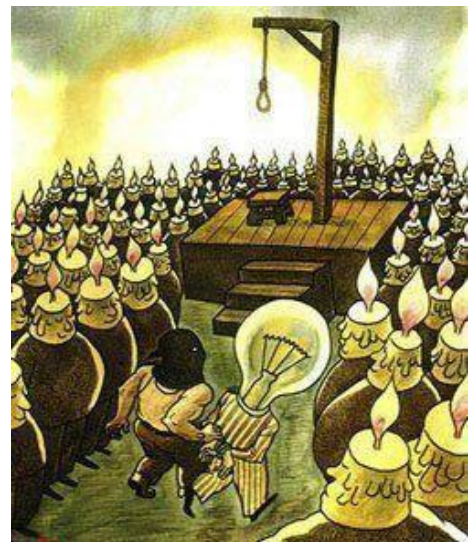


Fotografias 4 e 5. Confecção dos bonecos para o teatro "O Sumiço da Mandaçaia" com Elizangella Sarraff. Centro Cultural UFPR Litoral. 2010/2011. FONTE: Luciana Ferreira e a Autora.

Através da experiência de construção dos bonecos, foi necessário imergir no mundo do teatro. A medida que investigava, sentia a importância deste no contexto educacional. O contato com essa forma de expressar foi aumentando a medida que ia descobrindo novos caminhos, novas possibilidades e formas de trabalho.

“Palavra puxa palavra, uma ideia trás outra ideia, e assim se faz um livro, um governo ou uma revolução”

Machado de Assis



Fonte: Imagem da Internet

O TEATRO DENTRO DO CONTEXTO EDUCACIONAL

Desde o início da civilização bonecos, máscaras e formas inanimadas, foram utilizadas em rituais sagrados como representações dos deuses, das forças da natureza e do ser humano, tendo o teatro surgido a partir desses rituais (Parente, 2005). Atualmente inúmeros artistas recorrem aos bonecos, com interesse num teatro mais visual, poético e evocativo, com intuito de trabalhar a imaginação, sonhos e fantasias.

Num único espetáculo é possível unir atores com bonecos, com bailarinos, sombras, projeções, texto, música e outras formas. Essa mescla das diversas formas para se fazer teatro tornam-se uma alternativa de linguagem com

sua própria poética. Nota-se a tendência de forte apelo visual, das quais se observa a influencia do cinema, da mímica, do circo, das artes plásticas, bem como, das diversas formas de dança contemporânea, e também, dos aspectos visuais dos cenários, figurinos, adereços e objetos, a música e os ruídos, que em muitos casos são tão ou mais importantes que a presença humana em cena (Parente, 2005).

O que diferencia o ator do ator-manipulador ou ator-bonequeiro é que enquanto o primeiro o encarna mesmo, o personagem, o segundo utiliza algum elemento material externo a ele (máscaras, bonecos ou objetos) para se expressar. Nota-se que nos últimos anos, foi convencionalizado empregar a palavra bonecos como um termo genérico que incluísse suas várias técnicas (Amaral, 1993). Logo, boneco é: marionete (boneco movido a fios pelos dedos), fantoche ou títere (boneco que se veste na mão; de luva), boneco de sombras (figura chapada projetada através da luz, articulável ou não), boneco de vara (movido por varetas), marote (mistura de boneco de luva e vara) (Silveira, 1997).

A relação do teatro com a educação, esta na sua eficiência em envolver os sentidos do espectador, leva-os a interagir com os personagens numa linguagem simples e com altas doses de bom humor (Guerra, 1999), sensibilizando ao transmitir suas mensagens através do amor e da alegria. Koutela&Santana (2005) afirma que fornece metodologias e conteúdo para a teoria e prática educacional, sendo este considerado uma ação cultural. Nele, a palavra não é seu material único, mas parte de uma diversidade de linguagens que se percebe, que se sente e que se vê em cena (Nazareth, 2010).

Conduzir sutilmente a criança para a aquisição de um conhecimento mais abstrato, misturado o trabalho com uma boa dose de brincadeira facilitaria o mergulho da criança na arte do aprendizado (Abastos, 2010). Diferente de muitas práticas pedagógicas, que se restringem apenas à aplicação de técnicas, sem uma reflexão apurada de seus impactos no processo educacional, resultando no afastamento dos propósitos de uma educação emancipatória e a não valorização das múltiplas estratégias de aprendizagem.

Portanto torna-se necessário estruturar metodologias de ensino que atendam as necessidades locais de ordem social, cultural, econômica e ambiental, que auxiliem na resolução de problemas regionais e contribuam para o bem-estar e

qualidade de vida da população. Para isso, são indispensáveis que dentro dos espaços educacionais sejam desenvolvidas e trabalhadas atividades lúdicas de sensibilização e construção de conhecimentos.

De acordo com a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, no Título II sobre os Princípios e fins da Educação Nacional, art. 26, segundo parágrafo, diz “*o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos*”. Contudo, Guerra (1997) afirma que apesar do surgimento dessa lei, o ensino tradicional ainda impera nas escolas, ensino este onde as crianças não entendem o que estudam, para que estudam e por que estudam. O mesmo autor afirma, existe uma inversão do conteúdo ensinado dentro das escolas em relação à realidade em que estão inseridas, e exemplifica: “*nas escolas rurais fala-se em indústrias, carros, computadores, e o que o aluno vivencia é o roçado de feijão e de mandioca em que trabalha depois da aula*”. Já em relação às escolas urbanas, o mesmo se procede “*fala-se, na Floresta Amazônica, no Pantanal e o que o aluno vivencia é o barulho do trânsito ou o mau cheiro do esgoto correndo a céu aberto, muros pichados etc...*”, concluindo que em ambas as escolas, são ensinadas apenas o que esta ofertada nos livros paradidáticos “*sem compromisso com a realidade e os valores culturais e ambientais do público que os vai utilizar*”.

A partir de uma proposta de arte-educação, com a construção de práticas lúdica educativa dentro do espaço escolar, em conjunto com o maior número de atores – alunos, funcionários, professores, pais – aliada a temas da realidade socioambiental e cultural do local, se amplia as possibilidades de aprendizado, uma vez que o ato de criar se alia ao processo de assimilação dos conhecimentos, instituindo um espaço onde possa ocorrer uma interação entre os conteúdos escolares com as experiências vivenciadas no ato artístico, favorecendo a relação de afeto que se estabelece entre o grupo, “*ausentes nas práticas tradicionais pedagógicas, que enfatizam o aprendizado de forma mecânica, negando emoções, sentimentos e formas diferenciadas de expressão*” (Silveira, 1997).

Essa mecanização da educação e de expressão também resulta numa deficiência entre a articulação da linguagem oral e escrita. Silveira (1997) argumenta que nos momentos de diálogo entre professor (a) e aluno (a), este último deve saber

qual a resposta certa, não tendo a oportunidade de refletir e questionar sobre o tema. Diferente de um diálogo ocorrido dentro de um teatro. Este é dotado de diversidade de linguagem, figurino, cor, texto e outros que conferem características únicas e harmônicas esteticamente agradáveis, características estas que além de prazerosas, são responsáveis por múltiplos estímulos ao público, auxiliando no desenvolvimento de seres humanos mais integrados e sensibilizados com o ambiente em que interagem. Conforme Galvão (1996) *“As crianças parecem receber bem melhor e armazenar com mais facilidade as imagens, quando são apresentadas através de algo que as encante emocionalmente como é o caso do Teatro de Bonecos”*.

O teatro, seja de bonecos ou de atores, incorpora imagens, voz, música, corpo, ritmo e interação com diversidades culturais que se articulam. Habilidades motoras, de criação, percepção e interação com o próximo, se iniciam desde a criação de um roteiro, do manuseio de materiais para colagem, pintura, modelagem até a manipulação do boneco em cena. O ato de construção do teatro em si (roteiro, cenários, bonecos, etc.) permite certa autonomia; uma atuação independente, devido a livre escolha de materiais para confecção, de formas e ideias para criação. Segundo Silveira (1997) *“o boneco possibilita essa vivência entre a fantasia e a realidade e nos ajuda a sair de nós mesmos para que possamos nos conhecer melhor”*.

*“A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro.
É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos,
ou dedos na ponta das palavras”*

Roland Barthes



Fonte: Imagem da Internet

O TEATRO INFANTIL E A EXPERIÊNCIA DO TEATRO DE BONECOS

“O SUMIÇO DA MANDAÇAIA”

Em relação ao teatro infantil, nas décadas de 30 e 40, era caracterizado como um teatro escolar e por ser feito pelas crianças. Contudo, Braga (2007 *apud* Santori 1995) comenta sobre um marco decisivo no teatro, ocorrido no mesmo período, na qual o teatro brasileiro preocupou-se com a sofisticação de suas montagens e formas de interpretação, buscando melhor tratamento de suas encenações e ampliando-se de forma evidente para plateias infantis. A partir daí, do sul ao nordeste do país, várias estreias ocorrem como marcos definitivo do teatro infantil com apoio das prefeituras.

Nota-se que o teatro infantil, antes feito por crianças e caracterizado com uma atividade escolar, passa a ser feito por adultos e por companhias que surgem ao longo do contexto sociocultural e político da época. A Sociedade Pestalozzi, uma entidade voltada para o ensino de crianças deficientes, destaca-se neste contexto. Em 1946 promove um curso de formação de artistas titiriteiros², que segundo Braga (2007) “o primeiro (curso de formação) que se tem notícia”. Esse curso tornou-se importante uma vez que alunos como Antonieta Lex Leite – fundadora do Teatro Sacy e do Serviço de Teatro de Bonecos no Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo – e Maria Clara Machado – marca o teatro brasileiro com peças infantis com bonecos – conseguiram dar continuidade ao trabalho, juntamente com outros já engajados, fortalecendo o movimento do teatro infantil no Brasil.

Nas décadas seguintes 50 e 60, caracterizam-se pelo reconhecimento do trabalho de artistas e bonequeiros, e o surgimento de várias companhias e teatros infantis. Também são promovidos os primeiros festivais brasileiros de teatro de bonecos e o primeiro congresso sobre o tema. Contudo é na década de 70 que se encontram as transformações mais acentuadas e ricas pelas organizações das associações, profissionalização, quantidade de espetáculos, eventos, criação de novos grupos e difusão em programas de televisão.

O teatro de bonecos começou a ser utilizado como o meio mais eficaz de difusão e sensibilização de fatos e conhecimentos, sendo inserido dentro do campo

² Titiriteiro ou bonequeiro, expressão usada para se referir aquela pessoa que trabalha e se dedica na confecção de bonecos.

da educação, com a arte de contar histórias e na saúde, em terapias com deficientes visuais. Um exemplo é o Grupo Casulo de Ana Maria Amaral, que na década de 70, através dos espetáculos *Zé da Vaca* e *Palomares*, utilizam a linguagem dos bonecos para tratar fatos verídicos, no caso um acidente aéreo ocorrido na Espanha e o perigo da poluição atômica com as usinas nucleares (Braga, 2007).

Outro exemplo sobre o uso do teatro de bonecos para a divulgação e crítica da realidade socioeconômica e ambiental da sociedade atual é a peça “O Sumiço da Mandaçaia”, desenvolvido pelo Guapuruvu, que atualmente pertence a linhas de educação da Motirõ Sociedade Cooperativa. Desde 2010, através dos esforços voluntários de estudantes universitários, vem sendo realizando teatro-educativo, sobre um tema de grande relevância ao litoral paranaense, uma das regiões de maior área contínua de Floresta Atlântica do Brasil, considerada uma das maiores áreas de biodiversidade do planeta. Apesar de a região estar integrada a diversas Unidades de Conservação, é possível encontrar uma série de impactos que envolvem o uso indiscriminado de agrotóxicos, desmatamento, caça de animais silvestres, tráfico de animais, poluição das águas, turismo de massa e outros que contribuem para a degradação das Áreas Protegidas e para a deterioração da qualidade de vida da população, que se traduz em um dos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixos do Estado.

Por conta de tantos impactos aos remanescentes florestais, uma das principais espécies atingidas são as abelhas indígenas sem ferrão (meliponíneos). É com base neste fato que o projeto busca demonstrar a situação da espécie de abelha nativa Mandaçaia. O projeto tem como objetivo divulgar e popularizar através do teatro de bonecos, o conhecimento das abelhas indígenas sem ferrão e os impactos humanos vivenciados na região. A escolha do tema “Abelhas sem Ferrão” se deu pelo fato de que estas espécies podem ser encontradas em abundância no litoral, entretanto pouco se conhece sobre elas, sendo sua popularização extremamente importante uma vez que contribuem com até 90% da polinização das árvores nativas brasileiras (Rodrigues, 2005), além da importantíssima função para o ciclo da vida, sua criação começa a ser visualizada como alternativa para a melhoria da qualidade de vida de agricultores familiares da região.

O teatro realizou apresentações em diversos eventos (Tabela 1), totalizando um público próximo de cinco mil pessoas. Além de apresentações, o trabalho fora

apresentado no Seminário Latino-Americano sobre Interdisciplinaridade no Ensino de Ciências da Natureza, na cidade de Foz do Iguaçu-PR (2010) e no Encontro Nacional da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro-RJ (2011). Para alcançar esse resultado, integrantes do projeto tiveram que aperfeiçoar técnicas de manipulação e confecção de bonecos, em cursos oferecidos por companhias teatrais (Cia Polichinelo-SP; Giramundo – MG em 2011), em festivais de teatro de bonecos (10º e 11º Festival de Teatro de Formas Animadas, no município de Jaraguá do Sul – SC em 2010 e 2011) e em seminários específicos sobre o tema (7º e 8º Seminário de Estudo sobre Teatro de Formas Animadas – pela Universidade Estadual de Santa Catarina UDESC em 2010 e 2011).

Tabela 1. Dados referente a apresentação do Teatro “O Sumiço da Mandaçaia”

Data	Município	Evento	Nº de pessoas*
Abril, 2010	Matinhos	IV Feira de Profissões para público diverso	100
Fev, 2011	Pontal do Paraná	Aldeia da Paz para crianças de 1º a 4º série do Colégio Estadual Prof. Sully da Rosa Vilarinho	223
Maio, 2011	Matinhos	V Feira de Profissões para público diverso	70
Maio, 2011	Matinhos	Centro Cultural UFPR Litoral para a comunidade Jardim Scheffer e Tabuleiro	30
Maio, 2011	Pontal do Paraná	III Ecotuzzi da Escola Amatuzzi	325
Jun, 2011	Londrina	10º Jornada de Agroecologia	3.500
Nov, 2011	Curitiba	5º Seminário Paranaense de Meliponicultura no Instituto EMATER	250

*Número estimado de pessoas que assistiram o teatro, segundo dados de cada evento e consenso do grupo

Em 2012, novos convites foram feitos para a apresentação do espetáculo. Como o trabalho sempre fora voluntário, após um tempo, integrantes do grupo começaram a dedicar-se integralmente atividades que fossem remuneradas, principalmente com o termino do curso universitário e o ingresso ao mercado de trabalho. Contudo os bonecos ainda continuaram sendo utilizados em algumas intervenções teatrais ocorridas ao longo do ano. Também se preocupou em

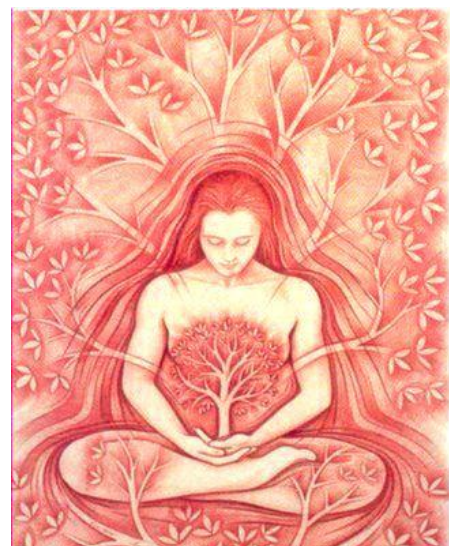
desenvolver outras atividades lúdico-educativas que atendessem as necessidades locais, auxiliando na resolução de problemas regionais e na contribuição do bem-estar e qualidade de vida da população, por meio da sensibilização.

Para execução de tal tarefa, era necessário encontrar dentro de meu ser as respostas daquilo que almejava exteriorizar ao mundo. Precisei conhecer a fundo onde queria chegar, o porque de todas essas ações, o motivo de todo esse trabalho. Para isso, fechei-me num casulo...



FOTOGRAFIAS 6 E 7: Apresentação do teatro na 10ª Jornada de Agroecologia. (esq. À dir) Músico Ciro Junior e bonecos. Manipuladoras: voluntária, Mariana Akemi, Juliana Melchiori e Renata Lays. Foto por Joka Madruga.

“Sua vida muda quando você muda seus pensamentos”
Autor desconhecido a minha pessoa



Fonte: Imagem da Internet

PARTE II

O Meio O Casulo



POLÍTICA TRANS-FORMA-AÇÃO NA SOCIEDADE PELA ESCOL(H)A

*M*eus pais foram mantidos na escola com a proposta de que tinham que estudar para adquirirem um diploma universitário e com isso, um “bom emprego” (para eles, bom emprego é aquele que trocamos nossa força intelectual por quantias de dinheiro o suficiente para tornarmos consumidores excessivos de supérfluos). Mas atualmente, isso não tem funcionado, pelo menos para mim e para boa parte dos colegas com que convivo. Concordamos que é melhor ter um diploma universitário do que nenhum, mas percebemos que para chegarmos a esse ponto, teríamos que marginalizar boa parte daquilo que consideramos tão importante para cada um de nós: nossos sonhos, pensamentos, planos, na transformação que queremos ver no ambiente, para deixar ser levado por padrões de vida já estabelecidos e tão normalizados na sociedade. Nossos pais são a prova de que essa forma de viver não trás benefício, nem para eles mesmos, que acabam doentes de tantos problemas e pré-ocupações.

Acredito que boa parte das pessoas se assemelha aos meus pais. Mas também acredito que eles pensam o que pensam e são o que são, porque em algum momento isso também foi estabelecido como um modelo a ser alcançado, e que seguindo este, obteria a felicidade. Também não tiro a responsabilidade deles terem escolhido esse caminho, mas também concordo que quando estamos na escuridão qualquer ponto de luz acaba sendo referência à saída.

A educação vigente na sociedade em forma de instituição chamada escola, também foi uma das responsáveis em promover tais valores. Seu sistema fora

desenhado, pensado e estruturado na época do Iluminismo e na circunstância econômica da Revolução Industrial e desde então, poucas transformações ocorreram. Nota-se uma forte ligação entre o surgimento das escolas e os interesses políticos e econômicos que se dão também em tempos atuais. Isso é um fato. Basta olharmos para trás e compararmos esses interesses com o que vem acontecendo atualmente.

Na Europa, numa época em que a Igreja Católica exercia um poder superior a monarquia, a educação era fortemente influenciada por uma política e cultura homogenia, imposta pela Igreja. Seus ensinamentos eram considerados a verdade absoluta. Para isso foram criadas várias ordens religiosas voltadas aos filhos da elite. No filme *Lutero*³ essa dominação é bem enfatizada, principalmente dentro da universidade. Com a expansão marítima europeia, a burguesia ascendia através do saqueamento de riquezas naturais provenientes das colônias nas Américas, África e Índia. Esta começou a enriquecer-se. Lembremos que numa sociedade capitalista, aquele que é detentor de capital acaba por ser super-valorizado aos olhos dos outros, devido ao seu poder de compra de bens e manipulação de pessoas. O que não deixa de ser necessário para se alcançar a elite política e intelectual, e com esta ter acesso às estruturas bases de sustentação de uma sociedade europeia, moldando-a a seu bel-prazer.

A Igreja Católica começa a perder a autoridade para a nova classe em ascensão, a burguesia. Com esta no poder, grandes transformações começaram a surgir em diversas ordens políticas, filosóficas, sociais e econômicas, que os historiadores denominam de Iluminismo, um movimento em que se buscava individualidade e a credibilidade a razão. Pensadores começaram a denunciar injustiças sociais da época, pois acreditavam que *“sociedades que não se organizam em torno da melhoria das condições de seus indivíduos concebem uma realidade incapaz de justificar, por argumentos lógicos, sua própria existência”*⁴.

³ Martinho Lutero (1483-1548) foi um dos precursores da Reforma Protestante. Ao viajar à Roma, decepcionou-se com a corrupção da Igreja Católica a tal ponto que, ao voltar a Alemanha, escreveu vários livros que tratavam dos abusos da igreja com o povo. Esses livros foram divulgados para a população, com o intuito de alertá-los perante tais abusos. O fato desencadeou diversos confrontos entre Alemanha e Roma. Tais ideias levam o povo a loucura, fazendo uma verdadeira chacina aos católicos, padres, freiras e a diversas instituições religiosas católicas. Anos mais tarde, Lutero publica “As 95 Teses” fazendo com que a Alemanha rompe de vez com o catolicismo. (Filme *Lutero*).

⁴ Rainer Sousa. Graduado em História. Acesso em <www.brasilecola.com/historiag/iluminismo.htm>. Brasil Escola é um dos maiores sites privados de educação. Acesso em outubro, 2012.

Porém no que se investiu foi na produção de bens, através da criação de fábricas. Nisso o trabalho artesanal passa a ser substituído pelo trabalho assalariado, o que gerou outro movimento complementar e de grandes mudanças do estilo de vida das pessoas, principalmente no Reino Unido (Inglaterra), denominado de Revolução Industrial. Fábricas e escolas nascem juntas. O Estado institui leis para a criação de escolas, eliminando todo e qualquer outro meio para se construir a aprendizagem.

Segundo Emilio Urruty⁵, no século XVIII, a Prússia já criava as primeiras escolas públicas, gratuitas e obrigatórias, seguindo determinados conceitos da escola militar Espartana, com objetivo de formar um povo dócil, obediente e preparado para as guerras, por meio da disciplina, obediência e regime autoritário. A educação do povo fora reduzida em quatro “saberes” mecânicos: o saber ler, o saber escrever, o saber fazer contas e o saber fazer trabalhos manuais. Porém outra concepção de “educação” disseminou-se em várias partes do mundo, prolongando-se ao século XX. Era a Escola Nova, que propunha uma educação instigadora de mudança social, na qual os trabalhadores pudessem ter uma maior participação na sociedade, como cidadãos (Camini, 2009). Entretanto a elite industrial continuou a investir em seu crescimento, tornando suas fábricas mais modernas, o que demandou de novos recursos humanos. Com a explosão demográfica, boa parte das pessoas não tinha acesso a escola, o que obrigou autoridades ampliarem a rede de “educação”, com o intuito de criar mão de obra mais especializada para a demanda industrial. Empresários industriais como John Rockefeller da indústria do petróleo e Henry Ford da indústria automobilística, tiveram interesse em financiar a escola para formar operários⁶.

Logo se vê o interesse do Estado em popularizar essa instituição denominada escola para se “educar” o povo. Essa metodologia não fora aplicada por ser a mais adequada à melhoria da qualidade de vida, e sim porque traria maiores benefícios a elite, empoderando-a, a partir do momento que se retira a capacidade de povo de se unir por uma bem maior, pois estes são alimentados com a ideia de individualismo e segregação por classes.

⁵ Referência da Escuela Experimental La Bahia, na Argentina. Dado extraído do documentário Educación Prohibida (2012) produzido pela Red de Educación Viva – REEVO. www.reevo.org. Acesso em setembro 2012.

⁶ Dado extraído do documentário Educación Prohibida (2012), produzido pela Red de Educación Viva – REEVO. www.reevo.org. Acesso em setembro 2012.

No que diz respeito ao Brasil, no início do século XX, um crescente interesse pelas questões educacionais começam a surgir devido à necessidade de modernização do país. Frigotto (2003) diz que nos anos de 1920-1930, os planos nacionais de educação se aproximavam das políticas educacionais em gestação, enquanto que a partir do final dos anos 40, eles refletem uma relação entre educação e desenvolvimento econômico.

Num primeiro momento fora criada a Associação Brasileira de Educação (ABE). Shiroma&Evangelista (2004) argumentam que no primeiro governo de Getúlio Vargas (década de 30), foi enfatizado a importância de criar um ensino adequado ao progresso do país e a construção de uma nacionalidade, com objetivo de formar “cidadãos” por meio da valorização de uma pedagogia que atendesse as exigências do trabalho industrial. Também se tem o interesse em criar escolas no campo, mais por uma “questão social” de conter o processo de crescimento urbano mediante a migração de agricultores para as cidades, do que criar escolas do campo para a valorização da identidade dos camponeses.

Em 1940, a economia brasileira acelerava devido à substituição das importações pela produção, aumentando a demanda por novos profissionais. Shiroma&Evangelista (2004) comentam sobre a incapacidade governamental de promover uma formação profissional em larga escala, seja pela incompetência do próprio sistema educacional, seja pela dificuldade de alocação dos recursos, o que fez recorrer à Confederação Nacional de Indústria (CNI) para a criação de um sistema de ensino paralelo ao oficial, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Uma barganha para os empresários que tiveram a oportunidade de formar valores relacionados ao industrialismo, tão evidente nos discursos dos mais idosos. Não demorou muito para que o SENAI abandonasse as atividades, dedicando-se a formação mais especializada de nível técnico. Este se desvincula definitivamente da tarefa pós o golpe da Ditadura Militar, em 1964, em que a educação ficou sendo tarefa somente do Estado.

O regime militar abafou quaisquer obstáculos que pudesse perturbar os planos políticos e econômicos que impuseram ao país, por meio das censuras, dissolução de organizações políticas, controle dos meios de comunicação e práticas de torturas. Quanto ao plano da legislação educacional, foi implantada uma série de

leis e decretos que garantisse o controle político e ideológico sobre a educação escolar em todos seus níveis.

A educação sai gradativamente do campo dos pedagogos, para os tecnocratas, economistas e engenheiros da “nova” economia nacional (Frigotto, 2003). Estes elaboraram o Plano Decenal de Desenvolvimento Econômico e Social (1967-1976), para o qual a educação deveria assegurar a “*consolidação da estrutura de capital humano do país, de modo a acelerar o processo de desenvolvimento econômico*” (Shiroma&Evangelista, 2004). Universidades testemunharam a repressão, a perseguição policial, expulsão e tortura de seus melhores pensadores e a crença de que a ciência e a tecnologia impulsionariam o desenvolvimento do país.

Nos anos de 1960 a 1980, não existiu plano estratégico de “questão social” que controlasse o êxodo rural. Devido a deficiência de políticas públicas direcionadas aos agricultores, acompanhada por projetos de expansão urbana, modernização capitalista da agricultura e a ilusão de que o emprego na cidade seria uma possibilidade para agricultores familiares que viviam em condições precárias no campo, um contingente populacional migrou para as cidades, elevando o crescimento de favelas, desemprego e problemas socioambientais como ocupação de áreas de risco, poluição de recursos hídricos, falta de acesso ao sistema de coleta de lixo e aumento dos riscos a saúde. Dados estimam cerca de 30 milhões de pessoas migraram do campo à cidade, dos quais 16 milhões foram somente na década de 1970 (Camini, 2009 *apud* Koling [et al.]).

Essas desigualdades acentuam-se a partir dos anos 90 com adesão ao neoliberalismo e piora com o mandato de Fernando Henrique Cardoso, período em que gerou maiores desequilíbrios sociais, interferindo não apenas no processo de expulsão dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, mas também nas lutas sociais (Camini, 2009). Há quem pense diferente, tal como meus pais, pois para aqueles que tinham olhos somente para a inflação, neste governo, com a criação do Plano Real⁷, algumas pré-ocupações deixaram de existir.

⁷ Em relação ao Plano Real, como Gestora Ambiental tenho sérias críticas em relação a impressão de animais da fauna carismática brasileira. Não sei até que ponto isso teve resultado, principalmente no que se diz respeito a quantificação monetária de um animal e ao tráfico de animais silvestres. Tartaruga R\$ 2,00; Arara R\$ 10,00; Mico Leão Dourado R\$ 20,00; Onça R\$ 50,00; Lambari R\$ 100,00. É de se estranhar. COUTO, Juliana, 2012.

Nesse período, para a educação, foi elaborado o Plano Nacional de Educação (PNE) na forma da Lei nº 10.172 de 9/1/2001, vigente até os dias atuais (Frigotto, 2003). O Estado capitalista passou a manter a escola sob seu controle, determinando quais os conteúdos a serem estudados, os métodos de aprendizagem, o sistema de avaliação e certificação por meio de diplomas e a formação dos professores por meio de cursos (Licenciaturas, Pedagogia), mantendo uma fórmula de reprodução da cadeia oprimido-opressor⁸.

Para Camini (2009), o controle que o Estado mantém sobre a educação provém de um buraco mais fundo. Nos últimos anos, houve uma intervenção do Banco Mundial sobre as políticas de educação pública, mostrando-se preocupado com a educação dos mais necessitados. A autora confirma que à medida que se emprestava dinheiro aos países que recorriam a seus fundos, ditava e definia os critérios mais convenientes a serem seguidos, dentro de uma lógica de mercado, não divulgando as cláusulas mais perversas dos contratos.

Mesmo assim, nem essa política foi o suficiente para atender a demanda por ensino dentro das instituições. O descompromisso do Estado em financiar a educação fez com que empresas privadas se envolvessem um negócio altamente lucrativo, à medida que contavam com todo o tipo de facilidade e incentivos por parte do governo. Boa parte dos recursos financeiros destinados às escolas públicas foi repassada a fim de favorecer a privatização do ensino. Toda uma malha corrupta foi formada, com o intuito de desviar verba pública, tal como Shiroma&Evangelista (2004) afirmam: *A União, ao repassar recursos do salário-educação aos estados da Federação para a construção de escolas atendia a interesses de políticos e empreiteiros locais, criando, dessa forma, uma rede de favores e dependências.*

Essa posição do Estado decorreu-se em todos os serviços prestados à população. Tanto a educação, quanto a saúde, segurança, o transporte público foram privatizados e elitizados. Frigott (2003) faz uma relação das privatizações em relação ao incentivo do trabalho voluntário, propagandeado como uma questão

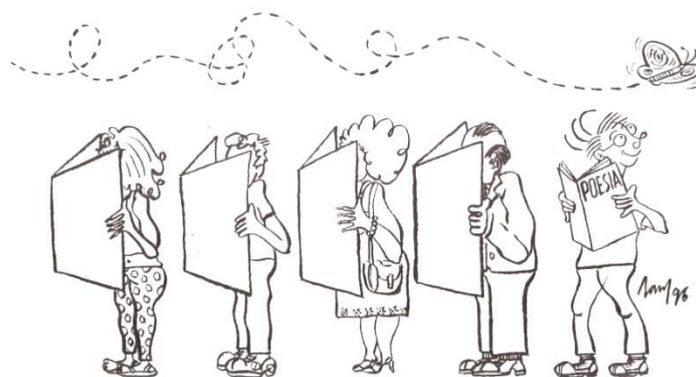
⁸ Essa cadeia é um fato. Ela mexe com um dos pontos mais interno dos seres humanos: o ego. Após anos e anos de repressão e violência sendo transmitida por um opressor, essa forma acaba por se tornar um método para o oprimido, a referência em se lidar com aquela situação, a ponto de quando o oprimido se vê na mesma posição, caso não trabalhe o ego ferido, tenderá reproduzir o mesmo método, tornando-se um opressor. Essa relação é válida para diversas situações do cotidiano. Seja de pais para filhos, professores para alunos, chefes para empregados. Essa cadeia alimenta nosso ego que cria um falso poder baseado no autoritarismo. COUTO, Juliana, 2012.

“cidadã”, dentro de organizações da sociedade civil, que visam atender e solucionar problemáticas geradas dentro na população. *São políticas que visam a minorar os efeitos da expropriação econômica e cultural que atingem as classes assalariadas (subempregados e desempregados), marginalizados, em diversos níveis, dos benefícios sociais propiciados pelo desenvolvimento das forças produtivas. São políticas pobres para os pobres* (Frigotto, 2003).

O resultado dessa política ficou registrado nas memórias de minha infância, minha e de boa parte das crianças urbanas de classe média, ao recordarem do stress dos pais em relação as pilhas de contas do final do mês. Meus pais chegaram a pagar condomínio, plano médico, escola para duas crianças e muitos estacionamentos em shopping para manterem um padrão de vida que julgam necessário para a obtenção de uma boa qualidade de vida. Não tiro a razão deles devido à circunstância em que se encontravam: a sobrevivência dentro de uma metrópole (no caso, São Paulo). A alienação a um padrão de vida, que busca uma qualidade em meio a um ambiente altamente artificializado, sistematizado e organizado por instituições com péssimo serviço de atendimento e outras privadas, que exigem grande força de trabalho árduo, em troca de razoáveis e bons atendimentos, faz com que indivíduos, como meus pais, conduzam suas vidas para servir esse sistema, tornando-se escravos modernos⁹.

“Enquanto eles capitalizam a realidade, eu socializo meus sonhos”

Sergio Váz



FONTE: Imagem da Internet

⁹ Existem vários filmes e documentários que auxiliam na construção de uma visão crítica em relação ao sistema vigente. São eles: Matrix (1999), La Belle Vert, Nós que aqui estamos por vós esperamos, Koenigsquatsk, Surplus, SOS Saúde, Criança a alma do negócio, Quanto vale ou é por kilo?. Recomendadíssimos!

IN-VERSÃO DA ESCOLARIZAÇÃO E A COM-CIÊNCIA DE SER

*Sustento que o sentimento religioso cósmico é o mais forte e o mais nobre
iniciamento à pesquisa científica*

Albert Einstein

Ao longo da história, a educação fora moldada para atender interesses políticos e econômicos, diferente de outra que visa a autônoma e a transformação social embasada em valores humanos. Quem já vivenciou trabalhos realizados dentro de instituições públicas de ensino, podem ter notado a semelhança destas com fábricas e presídios e das precárias condições de infraestrutura. No ambiente predomina a estaticidade. As cores encontradas são das paredes de concreto gastas pelo tempo; o verde é resumido aos vasos de plantas geralmente próximo ao departamento dos docentes; o domínio social com suas regras e exigências sufocam toda a espontânea criatividade do aprender. Diferentes crianças são classificadas e divididas para a formação de grupos homogêneos, em que se espera que todos saibam e aprendam a mesma coisa, igualmente bem.

Diversas fontes audiovisuais trazem uma profunda reflexão sobre o paradigma entre educação-escola-sociedade, tais como videoclip¹⁰, documentários¹¹, filmes¹² e uma infinidade de livros. Eles expõem o seguinte fato à sociedade: a escola como um ambiente opressor, mecânico e puramente administrativo, segmentada em diferentes instalações de especializações, com metodologia embasada em linha de produção, na qual estudantes, divididos por faixa etária, são avaliados constantemente para testarem suas qualidades, tudo com

¹⁰ Pink Floyd em Another Brick in the Wall. Acesso em: < www.youtube.com/watch?v=yv4qqd94GA0 >

¹¹ Educación Prohibida (2012). Acesso em: < www.youtube.com/watch?v=SsJC5WybRQM >. Outro muito bom referente ao uso da inteligência para a produção de produtos de curta duração: Obsolescência Programada. Acesso em < www.youtube.com/watch?v=b6J0CCuA11w > - Por Arte France e Televisión Española.

¹² Charlie Chaplin Tempos Modernos. Acesso: < www.youtube.com/watch?v=Ro1kPr957Kc&feature=related > e Como Estrelas na Terra. Acesso em: < www.youtube.com/watch?v=b6J0CCuA11w >.

objetivo de atender a demanda político-econômica das necessidades de indústrias e empresas de diversos ramos, do que as necessidades e diversidades socioculturais e ambientais da população.

O aluno é, desse modo, escolarizado a confundir ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é escolarizada a aceitar serviço em vez de valor. Identifica erroneamente cuidar da saúde com tratamento médico, melhoria da vida comunitária com assistência social, segurança com proteção policial, segurança nacional com aparato militar, trabalho produtivo com concorrência desleal. Saúde, aprendizagem, dignidade, independência e faculdade criativa são definidas como sendo um pouquinho mais que o produto das instituições que dizem servir a estes fins [...] **Illich, 1988.**

Essa institucionalização de valores, tão vigente na sociedade, acarreta em um processo de degradação e miséria modernizadas. Necessidades não materiais, como educação, saúde e bem-estar acabam transformadas em demandas mercadológicas, pois se pressupõe que seja resultado do serviço oferecido por essas instituições. Outro exemplo comentado por Illich é a questão do nascer e morrer, que passou a ser administrada por médicos e agências funerárias, excluindo todos aqueles que não possuem uma força de consumo para adquirir tal “bem”.

Ao se estabelecer instituições de controle populacional (modo de pensar, modo de proteger-se, modo de alimentar-se, modo de cuidar da saúde), alcança-se um patamar onde é possível constituir padrões de vida, deformando toda uma construção individual e coletiva de visão de mundo. O que ocorre é um estabelecimento de normas que condiciona o cérebro sobre o que é correto e o que não é correto. O resultado é uma massa populacional não pensante em relação aos problemas diariamente vivenciados em seu entorno, tornam-se impotentes em encontrar soluções e de dirigir suas próprias vidas. Seres não autônomos, como uma boiada seguindo o boiadeiro.

Logo, a falta de poder sobre os acontecimentos, com a perda de autonomia, pode ocasionar num tipo de pobreza. Indivíduos ficam na espera de soluções provenientes do estado/governo. Um caso semelhante foram os desastres ocorridos no início do ano de 2011, no litoral paranaense, na qual milhares de pessoas ficaram desabrigadas devido as enchentes. Em visita a uma das comunidades atingidas

(Floresta), ouvia-se de alguns moradores que, para eles, “só bastava sentar e esperar”, “não sei o que fazer”, “o jeito era espera a boa vontade do prefeito”. Apesar de compartilharem da mesma dor, não conseguiam se fortalecer como um grupo para arranjar um meio de se defenderem de todo aquele caos. No caso, a instituição Universidade foi o agente articulador dos direitos dessa população, viabilizando algumas alternativas de renda, com o intuito de auxiliar aquela comunidade a se erguer.

Não desmereço nenhuma ação da Universidade perante a situação. Acredito que todos tinham boas intenções ao se doarem para a causa. Mas considero esse fato um exemplo da falta de empoderamento social. E essa falta se dá justamente porque desde que somos pequenos, nossos instintos, criatividade, genialidade, são vetados e desestimulados. O cooperativismo raramente é incentivado. Quando muito, na academia, procuramos seu significado em diversas referências para estudarmos uma maneira de trabalharmos em grupo! E se olharmos para as crianças, naturalmente elas já fazem isso. À medida que crescem, outros valores são embutidos, transformando-os em seres individualistas e altamente competitivos.

A educação foi resumida em uma instituição nomeada escola, tornando-se um dos principais responsáveis na transformação de seres humanos, além da família. Desde sua concepção, a escola mantém o mesmo objetivo, o de formar trabalhadores para o sistema vigente, com fortes ferramentas de condicionamento cerebral, garantindo a repetição e continuidade de geração em geração da estrutura social hierárquica e cultural do consumismo. E nesse processo, estão alienando milhares de crianças e jovens que não veem nenhum propósito dos estudos obrigatórios impostos pela escola.

Outra questão é a propaganda de uma educação “*igual para todos*”. Isso é inviável, principalmente quando nos referimos a uma educação emancipatória e espiritualizada, em que se reconhece a particularidade de cada indivíduo no aprendizado (maiores detalhes na parte III). Quanto ao assunto, no campo econômico Ivan Illich (1988) argumenta:

Crianças pobres não tem a maioria das oportunidades educacionais que naturalmente uma criança da classe média possui. Essas vantagens vão

desde a conversação e livros dentro de casa até as viagens de férias; isto vale para crianças que gozam disso, tanto na escola como fora dela. O estudante pobre geralmente ficará em desvantagem enquanto depender da escola para progredir ou aprender. [...] A escolarização obrigatória polarizada, igual para todos, hierarquiza as nações do mundo de acordo com um sistema internacional de castas. [...] O Estado-nação adotou-a, moldando todos os cidadãos num currículo hierarquizado, à base de diplomas sucessivos.

Na sociedade, seres humanos são resumidos em diplomas e curriculum que os classificam dentro de uma hierarquia social, promovendo o preconceito e a indiferença, filhos da vaidade e orgulho. Por meio da aquisição de certificados, a escolarização acaba por exercer um papel de “promoção social” ao invés de “aprendizagem”. E por se apropriar dessa função, outros lugares deixam de serem visados para a formação do sujeito, tal como nas horas de lazer, na família, no trabalho, na vida como um todo, que poderiam ser convertidos em meio de educação, meios em se adquirir habilidades novas ou compreensão de si mesmo e da natureza. A alienação é tão grande, que desejos e conceitos sobre o que são, o que querem e onde pretendem chegar, estão vinculados a uma lógica capitalista de consumo e estilo de vida divulgados nos meios de comunicação. O oposto do que se pode construir por meio da educação, caso fosse considerado valores humanos ao invés dos mercadológicos.

O mesmo se aplica dentro das universidades. Nesses espaços, jovens deixam de propor e agir com base nos valores que carregam dentro de si para seguir uma tendência dominante, repressiva e alienante de trabalho e vida. Sonhos deixam de ser construído para se viver o que está imposto e condicionado. Estas imposições e condicionamentos seguem interesses políticos e econômicos de um Estado que “limpa as botas” de grandes corporações¹³. Vejo por uma amiga do interior de São Paulo que iniciou seus estudos dentro de uma universidade pública. Ao ingressar no curso universitário, denunciou que as melhores bolsas (e as mais disputadas) de iniciação científica tinham a finalidade de gerar pesquisas científicas para grandes empresas. E essa situação não se resume somente aos paulistanos.

¹³ Há documentários interessantíssimos que revelam a relação política e econômica do Estado com grandes empresas: “The Corporation”, “A História das Coisas”, “Capitalismo: uma história de amor”, “Fahennait?” e “Tiros em Colombine”.

No Paraná, a Universidade Federal do Paraná assinou contrato com a empresa Syngenta¹⁴, uma das maiores empresas do mundo de produção de sementes e agrotóxicos. Mentres brilhantes e grandes potenciais sendo privatizados.

Por tudo que tem sido exposto, ressalta-se a importância de fortalecer a rede de projetos políticos pedagógicos diferenciados construídos no Brasil e no mundo. São centenas de educadores, pedagogos, cidadãos, mães, professores, jovens que trabalham para a desconstrução do que se impôs como educação. Ao passo de formiga, diversos espaços educativos vêm sendo construído, tendo suas experiências compartilhadas através de encontros e em redes sociais de comunicação.

Em julho de 2012, tive a oportunidade de participar do III Encontro Nacional dos Românticos Conspiradores (ENaRC), realizado na cidade de São Paulo. Os Românticos Conspiradores (RC) é uma rede colaborativa, formado por um conjunto de pessoas conscientes dos modelos educacionais e de praticas educativas condicionantes, somando forças para a transformação da rede pública de ensino¹⁵. Acredita que a educação constitui-se no trinômio autonomia-responsabilidade-solidariedade e que possui a finalidade *de promover a comunicação e o apoio mútuo entre pessoas, organizações e projetos que tenham por objetivo contribuir para a superação dos arcaicos paradigmas educacionais vigentes*¹⁶. De tempos em tempos, o encontro é organizado com objetivo de trocar experiências, compartilhar dificuldades e de se ajudarem mutuamente. Foi dentro desse encontro que tive a possibilidade de conhecer alguns projetos de educação pública diferenciada.

Um deles é o Projeto Âncora¹⁷, localizado em Cotia/SP que desde 1995, essa entidade sem fins lucrativos, mantido por pessoas físicas, jurídicas e parcerias com fundações, vem trabalhando para a transformação da realidade local, a partir do desenvolvimento de atividades que ampliam os potenciais de 700 crianças e adolescentes carentes, melhorando sua autoestima e qualidade de ensino. São atendidos estudantes de 1 a 18 anos, das regiões de São Paulo, Embu,

¹⁴Disponível em: <<http://www.inovacao.ufpr.br/noticias/ufpr-realiza-assinatura-p%C3%BAblica-do-contrato-de-licenciamento-com-syngenta-de-tr%C3%AAs>>

¹⁵ Para os RC, entende-se por educação pública: *como aquela voltada para a população em geral e que todos dê garantias de acesso, sucesso e realização pessoa e social, seja ela de caráter estatal ou privado*. Fonte site dos RC. Disponível em: www.romanticos-conspiradores.ning.com. Acessado em 13 de novembro de 2012.

¹⁶ Fonte: www.amorimlima.org.br. Acessado em 13 de novembro de 2012.

¹⁷ Maiores informações acessar: www.projetoancora.org.br.

Carapicuíba, Cotia e Osasco que, em parceria com a família e comunidade, são oferecidos serviços de ambulatório médico, odontológico, psicológico e nutricional, oficina de arte e música, circo-teatro-escola, quadra poliesportiva, laboratório de informática e oficinas de capacitação profissional. Para isso o projeto se divide em três áreas de atuação: 1) Centro de Educação Infantil (creche), que atende crianças cujos pais não têm com quem deixa-las para trabalhar; 2) Centro de Educação Complementar para adolescentes, na qual são oferecidas atividades esportivas, oficina de circo, teatro, dança e música, além de uma biblioteca; 3) Centro de Educação para o Trabalho, com cursos profissionalizantes.

O outro é a escola da rede pública de ensino de nome Amorim Lima, localizado no bairro do Butantã, em São Paulo, que em 1996, começou a transformar-se profundamente devido ao alto índice de evasão: derrubaram bloqueios de circulação do pátio tornando-o mais agradável para a convivência. Com apoio dos pais e mães dos alunos, atividades extracurriculares foram ofertadas, além da organização de festas comemorativas e a escola passou a ser aberta aos finais de semana. Em 2002, com o intuito de melhorar a qualidade de ensino, a equipe pedagógica buscou auxílio de outros profissionais. Foi nesse período que conheceram o projeto político pedagógico da Escola da Ponte – Fazer a Ponte, em Portugal, que por meio de uma proposta de assessoria para a implantação do projeto no local, com aprovação da Secretaria Municipal de Educação, passou a ser implantado em janeiro de 2004¹⁸.

No Encontro Nacional dos Românticos Conspiradores, em meio a apresentação das alunas da Escola Amorim Lima, a respeito das diferenças metodológicas do ensino em comparação com outras escolas, familiarizei com o relato do processo construtivo da autonomia. O relato sobre o espanto ao se deparar com o que sempre fora condicionado como “o correto” – refiro-me ao padrão de comportamento, avaliação do conhecimento, relações humanas, etc. – O modo a qual trabalham as relações humanas entre estudantes, funcionários e comunidade; A percepção de si em relação ao ambiente, que gera a transformação e ascensão da consciência por meio da própria inserção na tomada de soluções relacionadas ao espaço escolar; são os mesmos tanto para Amorim Lima quanto para UFPR Litoral.

¹⁸ Maiores informações, disponível em: www.amortimlima.org.br. Acesso em 13 de novembro de 2012.

A autonomia independe do espaço físico, de classe social, de sua origem familiar, do nível de formação escolar e universitária daqueles de quem os alunos e de qualquer outra coisa física que se pense extremamente necessário para a construção desse processo. Existem *consequências* e *fatos* no processo autônomo, mas não necessidades. Autonomia e consciência caminham juntas. Quando cultivadas, somos capazes de governar nós mesmos, por meio de leis e valores que irão estabelecer julgamentos morais. Esses julgamentos, quando passam a ser internos, isto é, referentes aos próprios atos, desperta um conhecimento imediato de seu ser mais profundo, despertando-o para um trabalho interno, aperfeiçoando-se com o passar do tempo. Esse aperfeiçoamento lhe confere um cuidado maior ao executar uma ação, no cumprimento de um dever e senso de responsabilidade. Logo, pode-se dizer que estamos conscientizando-nos, tornando-nos espiritualizados, isto é, transformando e progredindo com toda nossa capacidade, para o melhoramento de nós mesmos e do ambiente que nos cercam.

Vê-se a importância de renovar essas leis e valores que tomamos para nossas vidas. Isso se dá a medida que nos defrontamos com situações, que podem ser por meio de diálogos, leituras, trabalhos individuais e em grupo, compartilhamento com o coletivo, reflexões, atividades que trabalham no campo cognitivo (inteligência e lógica) e afetivo (sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral) que analisam nossa conduta humana perante tudo e todos. Caso contrário, não existe transformação, não existe movimento, ficamos estagnados com nosso próprio modo de agir e pensar, não nos permitindo a novas possibilidades e conhecimentos, fechados em nosso mundo, com nossa vaidade, egoísmo e orgulhos ocultos dentro de nós.

Sem esse despertar, não estaremos preparados para uma revolução na estrutura enrijecida e mecanizada (para não se dizer prostituta das indústrias e corporações) que o governo chama de educação. Nossa educação não educa, forma ignorantes algemados em seus próprios medos, aflições, vaidade e egocentrismo, que competem entre si e se escravizam perante organizações que regem grande poder social, político e econômico no país e mundo, promovendo grande miséria e destruição de riquezas ambientais, morais e étnicas, nos deixando sequelas físicas, mentais e carecidos do alimento primordial para a integridade de qualquer ser... AMOR.

Por isso, quando pensarmos na criação de um espaço educativo que haja ambientes e convívios sociais saudáveis, este deve entender mais de seres humanos e de amor do que conteúdos e técnicas educativas. Todo o ser humano, principalmente as crianças e adolescentes, necessitam serem AMADOS, ACOLHIDOS e OUVIDOS para o aprendizado acontecer. Para isso a postura do mediador é de extrema responsabilidade, uma vez que este tem o dever de organizar o microuniverso da busca e do interesse das crianças e adolescentes.

Isso foi claramente visto no Projeto Âncora, que investiu na formação de sua equipe de trabalho, formando âncoras que serviram de base para a revolução que estava por vir. Eles foram responsáveis em transportar a afetividade para as crianças e adolescentes da comunidade, gerando uma relação de respeito. Essa relação multiplicou-se na comunidade, uma vez que pais alegavam melhoria nos relacionamentos familiares. À medida que são desenvolvidos atividades de capacidade física, intelectual e moral com a participação de todos, todos se educam, se transformam, transformando também o ambiente em que estão inseridos ocorrendo de fato, uma revolução local.

“Os resultados são palpáveis”, disse uma das professoras da Escola Amorim Lima. O mesmo digo em relação a minha pessoa dentro do projeto da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, citado anteriormente. Foi dentro desse espaço que pude encontrar as ferramentas necessárias para a construção do ser que sou – refiro-me da liberdade existente no ambiente para encontrar com pessoas, trocar experiências, trabalhar o individual e o coletivo, oportunidades de amadurecimento intelectual ao propor e agir dentro de projetos, oficinas, organização de eventos, ICH's, saídas a campo, viagens, etc. – transformando-me a cada vivência, em cada desafio. Essa transformação não para. Conscientizando-se de sua presença ou não, é uma roda que gira em ascensão ao longo de toda nossa existência. E a educação faz parte dessa grande roda da vida. O modo a qual trabalhamos com ela, pode nos tornar ignorantes obedientes ou pode vir a construir bases mais sólidas para seguirmos adiante, afluindo ainda mais nossa sensibilidade e capacidade em desenvolver e transformar o mundo em nossa volta.

Entrei em diversas crises pessoais por descobrir que após tantos anos, sendo massacrada por discursos ditadores sobre o que eu deveria ser e fazer, descobri que nada sabia do mundo e de mim mesma. E com a possibilidade de

atuar em liberdade para construir, como uma lagarta gorda que tece seu próprio casulo, depois de tempo, transformei-me em borboleta... Despertei minha criatividade, antes adormecida e esquecida por tantos anos de repressão. Encontrei e fortaleci bases sólidas que sustentam em ciclos de intensas tempestades, compreendendo que lágrimas e dor, podem se converter em força, amadurecimento e visão nítida sobre a vida, desenvolvendo nossa consciência adormecida...

“Não há despertar de consciência sem dor. As pessoas farão de tudo, chegando aos limites do absurdo para evitar enfrentar sua própria alma. Ninguém se torna iluminado por imaginar figuras de luz, mas sim por tornar consciente a escuridão.”

Carl Jung



Fonte: Imagem da Internet

III PARTE

O Fim de um ciclo A Borboleta



Deixei-me levar pela fantasia de que “um dia ei precisar”. Acho que sofri de es(cola)riz(ação)...

Gaivota Peregrina, 2012

NO FIM TUDO VOLTA AO C(OM)EÇO

*H*á dias que estou a observar a página branca do computador. Muita coisa vem em mente, mas pouco se consegue materializar em letras, ajeitar palavras, em frases compondo ideias e reflexões, fatos e sentimentos. Traço-some-traço-some-traço... Já que o começo não se materializa, começo materializando o presente. Olho para o tempo cronometrado e medido minunciosamente por um conjunto de algarismos que denominaram de relógio. Relógio que marca o tempo. Tempo que conta o dia. Dia pós dia que compõe a semana, e assim se faz um mês, os anos. Quem o contou era do contra. Por fim acabo de lembrar um poema de Drummond de Andrade anotado em minha agenda que diz:

Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial. Industrializou a esperanças fazendo-o funcionar no limite da exaustão. Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos. Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez, com outro número e outra vontade de acreditar, que daqui pra diante vai ser diferente.

A primeira vez que o li, durante um tempo o reli mais um bocado de vezes. É uma mania que tenho com coisas que prendem minha atenção. Sinto tocar o EU mais profundo, ao ponto de transbordar-me de algo totalmente novo que corre pelas veias. Creio que seja a compreensão, preparando o terreno para germinar o aprendizado que cresce com base nos saberes. Refiro-me aos “saberes” a acumulação de experiências e de fatos que, por busca-los na expectativa de compreender a vida, foi um dos responsáveis pela crise que descrevi em capítulo anterior. Sede de saber, natural, do nada saber da vida.

Ao final da graduação, tive que apresentar uma lista de atividades formativas e complementares para a câmara de professores. Ao organizar os certificados em uma pasta, observei-a em silêncio profundo. Cinco anos juntando aquele calhamaço de papeis, um acúmulo de saberes. O saber é proveniente daquilo que se experimenta e de certa forma é essencial a vida, pois sem ele teríamos que começar novamente. Mas o mero saber não é o suficiente para resolver problemas humanos. Chega determinada etapa da vida, que o saber passa a ser somente um acúmulo de fatos. Era isso que eu via ali, naquele calhamaço de papeis. Um acúmulo de experiência e poucas respostas para os conflitos e problemas da vida. Por deixar o saber assumir uma posição de superioridade em minha vida, a senti superficial. Precisava de algo mais profundo, que ajudasse a compreender a verdade, mas não que trouxesse respostas, e sim, que auxiliasse a superar com resignação e fé, as provações e desafios que vem e voltam, assim como as ondas do mar.

Que entendes por “saber”? Nossa vida é, em grande parte, uma repetição do que foi ensinado, não é exato? Podemos aumentar o nosso saber, mas o processo de repetição continua e fortalece o hábito de acumular. Que sabeis, exceto o que lestes, o que vos ensinaram ou o que experimentastes? O que agora experimentais é moldado pelo que anteriormente experimentastes. Uma nova experiência é coisa antes experimentada, só mais ampliada ou modificada; é assim que se mantém o processo de repetição. Repetição do que é bom ou mau, do que é nobre ou trivial, redundante obviamente em instabilidade, porque a mente só se esta movendo nos domínios do conhecido. Não será essa a razão do embotamento de vossa mente? **Krishnamurti, 1985**

Pierre Well (1969) comenta que a formação dos nossos objetivos na vida é algo extremamente complexo e depende de muitos fatores, sendo o maior deles o número de frustrações às quais fomos expostos no passado sem a possibilidade de superá-los. Quem nunca passou por situações extremamente desconfortáveis? Situações em que conversamos com nosso EU mais profundo? Perguntando-se: o que vou fazer? E agora, como será? Após um período de tortura proveniente de meus próprios pensamentos, o que antes incomodava passou a ser compreendido. É a dor sendo transformada em conhecimento e sabedoria.

Os olhos passam a enxergar o que é verdadeiro e o coração pulsa mais forte. Precisamos trabalhar quando sentirmos incomodados ou ofendidos com algo ou alguém. A ofensa pode vir junto com a decepção, principalmente quando esta provém de um ser que não esperamos. E porque esperamos? Falsa esperança, pois o outro também é um EU em processo de evolução. O que está claro para o outro, pode ser mal compreendido por mim e vice-versa. É um constante aprender que não é fácil, pois todo o processo implica em muita dor proveniente do egoísmo e do orgulho. Sobre o assunto, compartilho um trecho inspirador:

Do egoísmo de deriva todo o mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos está o egoísmo [...] É o choque que o homem experimenta do egoísmo dos outros que o torna, frequentemente, egoísta, porque sente a necessidade de se colocar na defensiva. Vendo que os outros pensam em si mesmos e não nele, é conduzido a se ocupar de si mais do que os outros. [...] Inutilmente os combateis e não conseguireis extirpa-los enquanto não houverdes atacado o mal em sua raiz, não houverdes destruído a causa. Que todos os vossos esforços, portanto, tendam para esse objetivo, porque aí está a verdadeira chaga da sociedade [...] Era preciso que o egoísmo fizesse muito mal para fazer compreender a necessidade de extirpa-lo [...] À medida que os homens se esclarecem sobre as coisas espirituais, ligam menos valor às coisas materiais. Aliás, é preciso reformar as instituições humanas que o entretém e excitam. Isso depende da educação. **Allan Kardec, 1984.**

Pode-se adquirir saberes provenientes de livros, vivências, reflexões. Podemos até citar lindas frases e trechos que nos identificamos, mas somos aquilo que exteriorizamos ao mundo e o reflexo são nossas ações.

Caso o leitor tenha afinidade com o que esta sendo exposto aqui, prosseguirmos, caso contrário, chega a ser perda de tempo continuar. Digo perda de tempo, pois sua leitura será promovida pelo mero prazer de analisar ou por simples curiosidade. Por experiência própria, essas ações não nos levam a nenhum lugar. Com a análise, tendemos a julgar. O que ganhamos com isso a não ser o engrandecimento de nosso ego? Quanto a curiosidade, acredito que essa é benéfica quando somos crianças e adolescentes, pois estamos na fase do descobrimento. Quando adulto, a falta de autoconhecimento torna a caminhada mais longa, pois não sabemos ao certo o que queremos, diferente do momento quando algo prende nossa atenção. No primeiro, estamos fechados para o conhecimento, pois buscamos entretenimento, distração. No segundo, existe processo de identificação. Nele, nossa mente esta vazia, livre de julgamentos, opiniões, métodos. Saibamos ser o presente momento.

Creio que posso recomeçar... Sinto-me mais a vontade agora. Obrigado.

*(...) duas asas conduzirão o Espírito Humano à presença de Deus.
Uma chama-se Amor; a outra, Sabedoria. (...)
Através do amor, valorizamo-nos para a vida.
Através da sabedoria, somos pela vida valorizados.
Daí o imperativo de marcharem juntas,
A inteligência e a bondade.*

Emmanuel. Pensamento e Vida

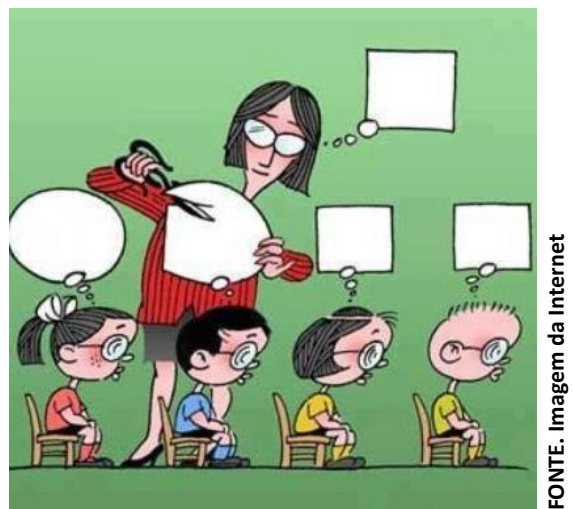


FONTE: Imagem da Internet

UMA NOV(A) P(ARTE) DE EN(SI)NAR

Porque se educa para estimular o indivíduo a adaptar-se à sociedade, a manter-se negativamente em harmonia com ela ou estimular o apego de fórmulas ou à repetição de slogans, ao invés de ajudar os educandos a descobrir os valores verdadeiros, que surgem com a investigação livre de preconceitos e com o auto percebimento?

Juddy Krisnamurti, 1969



Para alcançar um objetivo, basta mais do que força de vontade. Independente da classe social que o indivíduo esta “en-quadrado”, a cada nascer do dia, a vida nos proporciona provações que interferem na realização de nossos objetivos. Ela põe em prova nosso mérito pela escolha de nossos atos. É através de nossas ações que temos a possibilidade de desenvolver as aptidões em cálculos, escrita, desenho, dança, na organização de grupos, na literatura ou no esporte. A dedicação a essas ações determina nossa inteligência, porém esta última recebe influencia do conjunto de faculdades psíquicas e morais que nos constituem, isto é, a parte imaterial do ser humano que é a alma¹⁹. Não a possuímos, a somos. A alma é dotada de um temperamento que se transforma conforme o ambiente em que esta inserida.

¹⁹ Segundo Allan Kardec alma é o espírito encarnado. Ao deixarmos nosso corpo, a alma sai do corpo junto com o espírito. Fonte: Livro dos Espíritos, 1984.

Maturana (2001) comenta um caso interessante de compartilhar. Em 1922, duas meninas (cinco e oito anos) de uma aldeia bengali, localizado ao norte da Índia foram “resgatadas” de uma família de lobos que as haviam criado em completo isolamento de contato humano. Quando encontradas estavam sadias e sem sintomas de debilidade mental ou idiotia por desnutrição. Não caminhavam sobre dois pés, movimentavam-se rapidamente de quatro, não falavam e possuíam rostos inexpressivos. Só alimentavam-se de carne crua, tinham hábitos noturnos e recusavam o contato humano, preferindo companhia de cães ou lobos. Produziram uma profunda depressão logo após a separação da família de lobos, levando-as a beira da morte. A mais nova faleceu. A mais velha viveu por 10 anos. Nesse tempo, mudou seus hábitos alimentares e chegou a andar sobre dois pés, mas recorria à corrida de quatro e nunca chegou a falar. A família que a cuidou e outros próximos afirmaram que jamais a sentiram como verdadeiramente humana. O autor completa afirmando que: *embora em sua constituição genética a anatomia e a fisiologia fossem humanas, as meninas nunca chegaram a acoplar-se ao contexto humano. Os comportamentos que a família humana queria mudar nelas, por serem aberrantes no âmbito humano, eram inteiramente naturais para as meninas lupinas.*

O caráter de uma pessoa é resultante da ação do meio ambiente sobre o temperamento e que, mesmo com certas predisposições fisiológicas ou hereditárias, a educação que recebemos modifica ou reforça nosso temperamento Well (1969). No caso comentado por Maturana, o meio em que as meninas estavam inseridas e a educação que receberam da família de lobos, predominaram na construção do caráter em relação a constituição genética, anatomia e fisiologia humana.

Com isso, podemos imaginar a responsabilidade do papel de mães, pais, educadores, mestres, professores e todos aqueles que atualmente trabalharam na educação de outros seres, principalmente das crianças. Apesar de todos se beneficiarem da verdadeira educação, as crianças são as mais delicadas, pois estão iniciando sua vida, seus conceitos, suas vontades, criando seus valores e construindo sua visão em relação ao mundo.

Em relação a conduta daqueles que atuam na área da educação, estes devem estar cientes do quanto suas ações tem repercussões profundas no comportamento de cada criança e adolescente. Elas são extremamente sensíveis ao

estado emocional dos adultos que estimam e passam a querer imita-los. São muito flexíveis e costumam absorver ideias e imagens com muita facilidade, sendo profundamente afetadas por todos que participam das suas rotinas diárias (Pelanda, 2010). Isso por si só já basta para que seja criado um ambiente de confiança, carinho e de compreensão diante das dificuldades de aprendizagem de cada um, favorecendo o despertar do ensino, a curiosidade e consolidação da autoconfiança, provocando o desejo de encontrarem as soluções por si mesmas e encorajando os mínimos esforços.

Sua missão não é a de pensar e falar por eles (alunos), mas fazê-los falar e pensar por si próprios. O silêncio do mestre torna mais produtiva a aprendizagem.

Rubem Alves. Conversas com quem gosta de ensinar, (1980)

São “educados” aqueles que, além de aprender muito e se lembrar muito do aprendido, fazem uso de seu conhecimento na vida prática. Essa virtude é o que eu chamo de educação.

Prabhat Sarkar. Pensamentos de P.R.Sarkar, 2011.

Dos professores as quais já tive a experiência de trocar saberes, muitos alegam que o modelo de ensino imposto pelas instituições não são adequadas a realidade que vivem. Muitos estão frustrados e revoltados com a situação, ou pior, com suas próprias vidas. Sabemos que na educação, o mais importante é o indivíduo e não o sistema. Mesmo recebendo suas consequências em nossas vidas, continuamos a alimentar uma educação pela lógica do sistema de acúmulo financeiro, desigualdades sociais, hierarquizado, preconceituoso, paternalista, racista, violento, destruidor de ambientes e valores que não há preço e nem volta... Sei que já discutimos isso em capítulo anterior, mas vi a necessidade de retomá-lo e compartilhar um trecho de Krishnamurti (1969) que expõe o seguinte fato:

A educação convencional dificulta sobre modo o pensar. Ela esta voltada para o desenvolvimento de novas tecnologias industriais e de guerra, onde é estimulada uma competição impiedosa e de destruição mútua. É um

processo que consiste em acumular informações e conhecimentos, tirados dos livros, sem a compreensão do processo total da vida. Uma educação desta espécie oferece-nos uma forma sutil de fuga de nós mesmos e, como todas as fugas criam inevitavelmente, sofrimentos cada vez maiores, pois não encaramos a vida com muita seriedade, a não ser, talvez, quando se trata de ganhar dinheiro, conquistar poder, ou buscar excitações sexuais.

Alguns poderiam alegar e com razão, sozinho as coisas ficam mais difíceis. Mas... E quando esse sonho faz parte de um coletivo? Porque mesmo assim ainda é difícil de acontecer? Será porque os indivíduos ainda não compreenderam a arte de conhecer a si mesmos? Ou porque ainda acreditam num sistema que trará a mudança que todos almejam? Como já disse e repito, é um processo lento e difícil, principalmente para aqueles que vieram de uma educação opressora, pois quando possuem a oportunidade de fazer diferente, oprimem.

Para Krishnamurti (1969) educação é o despertar da inteligência e das capacidades em si próprio e nos outros. Por isso, aqueles que almeja trabalhar na educação devem seguir o caminho por amor, pois este exigirá: paciência, humildade para aceitar críticas e principalmente, transformação. E mesmo porque, a educação em seu verdadeiro sentido deve auxiliar o desenvolvimento das potencialidades interiores, compreender a nós mesmos e ao mundo ao redor, corrigindo erros através da superação dos próprios defeitos. Com isso, a transformação torna-se um fato.

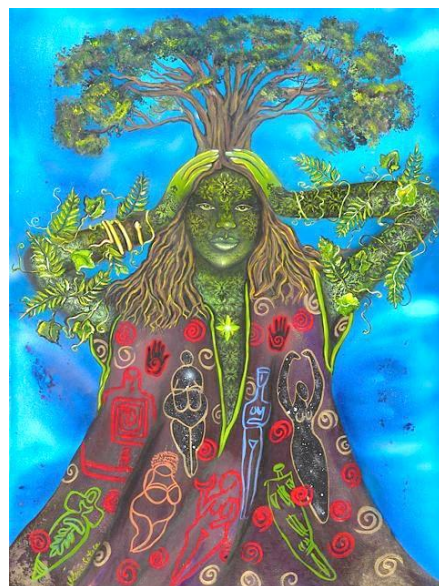
É claro que o processo de transformação pessoal também é educação. Isso implica em quebra de paradigmas pessoais provenientes de fatores externos como cultura, religião, família, seguida de mudança de pensamento, que implica na mudança de ações, da nossa maneira de enxergar o mundo. Nesse processo, sentimos dor, dor do trabalho e esforço pessoal, dor da consciência e da verdade brotando em nossos corações. Como Kardec comentou: *É o choque que o homem experimenta do egoísmo dos outros que o torna, frequentemente, egoísta, porque sente a necessidade de se colocar na defensiva. Vendo que os outros pensam em si mesmos e não nele, é conduzido a se ocupar de si mais do que os outros.*

Quando começamos a caminhar em sentido oposto, alguns outros passam a observar e se autoanalisarem também. É um efeito em cadeia, um processo contínuo de aprendizado, uma transformação coletiva. E quando esse coletivo está em sintonia, como um instrumento musical afinado, juntos podem somar forças para construir um sonho em comum que ecoa como uma ópera, alcançando outro conjunto de pessoas. Independente de qual seja o resultado, o processo será a educação.

O fato é que, se somos seres que almejamos transformações na sociedade, sejamos NÓS os primeiros. E isso não ocorre com análises, mas começa com algumas mudanças até chegarmos a transformação por completo, assim como a lagarta que muda para o casulo para transforma-se em borboleta. A mudança implica em ação. Como já dizia P.R Sarkar (1981): *ação é mudar de lugar. Suponhamos que um menino estava lá, agora o menino se encontra aqui. Houve uma mudança de lugar.* Apesar de o menino estar em outro lugar, ele continua sendo o mesmo menino, assim como nosso intelecto, que executa a mesma ação com as informações que absorvemos. Mas para a transformação, o menino deve deixar de ser menino e para isso ele utilizará de seus saberes, como a borboleta que deixa de ser uma lagarta, através de sua sabedoria em tecer o casulo.

A verdadeira pureza não esta somente nos atos, mas também no pensamento, porque aquele que tem o coração puro não pensa mesmo no mal.

Allan Kardec. O Evangelho Segundo o Espiritismo, 2009.



Abaixo, compartilho a materialização de um aprendizado que tive com outro ser e que o descrevo em forma de poema. O ambiente era favorável e o clima estava calmo. O diálogo foi pouco e o suficiente para compreender muita coisa da vida. Após ler o poema várias vezes, escrevo uma reflexão e o relaciono com alguns autores. Ressalto o nome de duas colegas de Pontal do Paraná (litoral paranaense) que desenvolveram um trabalho interessantíssimo de transformação. Por fim, compartilho alguns dos textos que escrevi ao longo do ano de 2012 e chego a uma conclusão.

Era hora do almoço. Minha mente encontrava-se calma e vazia.

Era o presente.

Era o pegar dos talheres.

Era o aroma das ervas por cima do alimento. A cor da beterraba, o verde da rúcula.

Era os sorrisos dos irmãos ao lado. Tanta fartura de cores e cheiros!

Do nascer do sol ao seu ápice de inclinação, foi somente meditação e posturas para elevação.

Agora era outra hora.

*Sentei, amarrei meu cabelo e me permiti a uma explosão de sabores,
a maciez do alimento,
o salivar... Degustar.*

Era a gratidão pela oportunidade de comer.

Uma colega senta ao meu lado. Não lembro ao certo onde começamos, mas, quando terminamos ...

Era outra.

*Senti como se Deus tivesse passando um recado por meio daquele ser. Fortes
flashes de minha infância começaram a vir em mente.*

Nunca tive tanta certeza nesta vida.

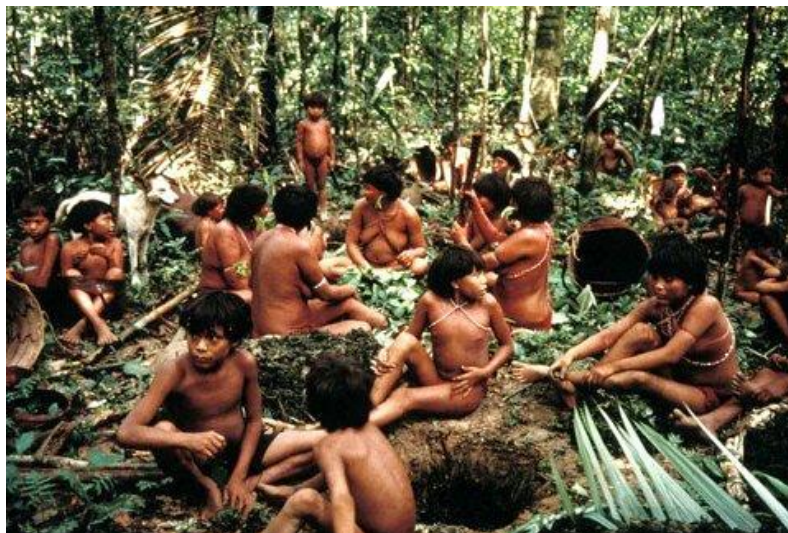
Era eu mesma.



O Eu une-se a um outro EU a partir da linguagem. Não defendo nenhuma crença religiosa, pois também não sinto pertencente a nenhuma delas, mas quando estamos cientes da existência de sentimentos nocivos dentro de nós, temos a escolha de transforma-los. Essa transformação se dá através do convívio com outros. O conflito e a confusão nascem das nossas relações incorretas com pessoas, coisas e ideias e, enquanto não compreendermos e modificarmos essas relações, o mero aprender, a acumulação de fatos, a aquisição de habilitações diversas só nos podem abismar no caos e na destruição (Krishnamurti, 1969).

Logo concordo com Humerto Maturana (2001) quando diz:

[...] como seres humanos só temos o mundo que criamos com os outros. A esse ato de ampliar nosso domínio cognitivo reflexivo – que sempre implica uma experiência nova – podemos cegar pelo raciocínio ou, mais diretamente, porque alguma circunstância nos leva a ver o outro como um igual, um ato de habitualmente chamamos de AMOR. Além do mais, tudo isso nos permite perceber que o amor ou, se não quisermos usar uma palavra tão forte, a aceitação do outro junto a nós na convivência, é o fundamento biológico do fenômeno social. Sem amor, sem aceitação do outro junto à nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade. Qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. Portanto, destrói também o ser humano, porque elimina o progresso biológico que o gera. Não nos enganemos. Não estamos moralizando nem fazendo aqui uma prédica do amor. Só estamos destacando o fato de que biologicamente, sem amor, sem aceitação do outro, não há fenômeno social. Se ainda se convive assim vive-se hipocritamente, na indiferença ou na negação ativa.



FONTE: Imagem da Internet

A aceitação implica em atos de amor ao próximo. Num convívio, às vezes o aceitar o outro, sua presença e maneira de expressar implicam em transformação interior, pois tendemos a julgar as diferenças, seja proveniente dos hábitos, costumes, cultura, gênero, opiniões e formas de enxergar o mundo. Diferente do suportar, que tem sua origem no rancor, não sendo mais do que o orgulho ferido. Devemos desconfiar de nossos sentimentos de antipatia e simpatia, pois estes são influenciados por fatores meramente subjetivos e que reconhecendo esse fato, podemos melhorar nossas relações humanas, e se, além disso, conseguirem, em cada caso, descobrir as razões das suas antipatias, então conseguirá vencer suas aversões (Well, 1969).

Ressalto um trabalho sobre desenvolvido emocional infantil dentro do ambiente escolar, elaborado no município de Pontal do Sul, na qual através de uma educação mais afetuosa e humanista, com foco no amor, compaixão, respeito e espiritualidade, resultaram na transformação do comportamento de crianças de dois a quatro anos, durante um período de 60 dias com 36 crianças e suas respectivas educadoras responsáveis. O projeto foi realizado por Andressa Ayres Pelanda²⁰ e Liane Perozzo dos Santos²¹, no Centro Municipal de Educação Infantil Água Viva,. Pelanda&Santos (2010) afirmam que para que a criança tenha um desenvolvimento emocional saudável e adequado, é necessário que haja um estabelecimento de relações interpessoais positivas, como aceitação, apoio, colaboração e o gostar de si e dos demais. Para isso, o projeto utilizou uma metodologia denominado Círculo do Amor²², onde sentimentos nobres são desenvolvidos por meio de exercícios psicomotores (yoga para crianças) e contações de histórias.

Todas as manhãs, durante 30 minutos, as crianças realizavam as atividades do Círculo do Amor, que seguiam uma ordem cronológica: canções, posturas de yoga e contação de histórias. Teatro de fantoches e danças circulares completaram as atividades. Após 30 dias, foi realizada uma avaliação sobre as possíveis mudanças comportamentais das crianças, através de um questionário direcionado

²⁰ Oceanógrafa pela Universidade Federal do Paraná; Especialista em Yoga Pedagógico e Neuroaprendizagem pelo ISAL – Instituto Superior de Educação da América Latina, Professora de Tantra Yoga e Fundadora do Espaço Anírvana. Contato: andressa.ap@gmail.com.

²¹ Oceanógrafa pela Universidade Federal do Paraná e Especialista em Yoga Pedagógico e Neuroaprendizagem pelo ISAL – Instituto Superior de Educação da América Latina.

²² Programa desenvolvido pela psicóloga, antropóloga e monja yogue Dr. Susan Andrews. Fonte: Pelanda&Santos, 2010.

com as educadoras, composto por questões agrupadas em quatro aspectos: Afetivo (gentileza, amorosidade, dar e receber carinho); Cognitivo (concentração, disposição, criatividade); Psicoemocional (agressividade, contrariedade, alegria, expressividade, medo e timidez); e Social (respeito, cooperação, participação e interação). O mesmo questionário foi comparado com outra avaliação ocorrida após 60 dias de trabalho.

No primeiro questionário mostrou que 22% das crianças, após 30 dias de atividades melhoraram bastante em relação aos aspectos citados acima. Após 60 dias, o número aumentou para 44%, o dobro em relação ao primeiro. As posturas de yoga prepararam o corpo para o desenvolvimento integrado do intelecto e dos sentimentos, harmonizando as secreções das glândulas endócrinas para equilibrar as emoções, flexibilizarem articulações, massagear os órgãos internos, estimulando a circulação e a canalização da energia nervosa das crianças, tornando-as mais calmas e focadas, até mesmo as hiperativas (Pelanda&Santos, 2010). Concluem sobre a importância do desenvolvimento da afetividade e do estímulo das emoções positivas para um melhor rendimento escolar e principalmente, para as relações com o ambiente e outros seres humanos.

Em relação ao trabalho, reconheço que a técnica é interessantíssima quando aplicado ao meio escolar, assim como tantos outros métodos existentes. Mas o fundamental para o resultado foi o trabalho ser realizado com amor. Amor ao se dedicarem a tarefa de facilitar os processos de aprendizagem; a paciência ao se depararem com crianças hiperativas e a compaixão por aquelas que no começo estavam desinteressadas. Esses nobres sentimentos foram transmitidos às crianças e responsáveis em somar para o aprimoramento e o progresso de todos.

*Fazer da interrupção um caminho novo
Fazer da queda um passo de dança
do medo uma escada
do sonho uma ponte
do processo um encontro
e assim terá valido a pena existir ...*

Autor desconhecido a minha pessoa

FONTE: Imagem da Internet



TEXTOS QUE FALEI

17 de março de 2012

Devemos aprender não somente com os bons exemplos das pessoas, mas também com seus defeitos, principalmente estes últimos, pois são neles que encontramos nosso trabalho. O trabalho pessoal diário que devemos fazer ao depararmos com divergências de ideias, pensamentos, cor, etnia, religião, política e qualquer outra característica que erroneamente muitos julgam.

Estamos numa grande escola. A escola da vida. Diariamente somos deparados com provações, seja na convivência com a erroneidade cotidiana do companheiro, seja nas dificuldades materiais da vida, dos momentos de grande ansiedade ao ponto de não enxergarmos o sofrimento ou amargura do próximo, dos momentos que nos sentimos injustiçados por pequenas causas terrenas do qual alimentam nosso ego e orgulho.

Não somos seres perfeitos.

A partir do momento que podemos recriar um caminho que nos leve ao que foi ensinado, então realmente podemos considerar o aprendizado. Caso contrário, devemos reaprender e reaprender até alcançarmos o resultado. E chegado esse momento, nos sentimos mais alimentados, nos sentimos mais esclarecidos em relação a nós mesmos e nossa posição presente.

A escola poderia auxiliar essa reflexão aos seus participantes, sejam eles professores, alunos ou funcionários. Enquanto essa realidade não é maioria, educadores, sejamos fortes e corajosos! Devemos compreender que vivemos em uma sociedade que as políticas educacionais são regidas e impostas por pessoas que geralmente desconhecem a diversidade cultural e realidade socioambiental de cada região, com naturezas tão diversas. E que, devido a obediência a um padrão de vida e disciplina ditatorial, aprender tomou forma e cor, sendo imposto independente da particularidade de cada lugar.

17 de agosto de 2012

Construímos o futuro através de nosso esforço pessoal. Nosso passado é formado pelas experiências e ensinamentos adquiridos pelo simples fato de viver. Ele é nossa bagagem de conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos, nos permitindo a realizar escolhas em nosso presente. A necessidade do nosso presente leva-nos a agir, resultando em novas conquistas no futuro. Já não somos a mesma pessoa, permitimo-nos à transformação. Porém quando essas conquistas procedem da ampliação de nossas capacidades e valores adquiridos, há transformação evolutiva.

Como observadora, percebi a existência de fases de crescimento de mim mesma, que me permitiram vivenciar de tempos em tempos, planos de existência: O plano da entrega absoluta de determinada tarefa sem a consulta do passado e sem organização de bases para o futuro, torna a existência mecanizada; O plano da impulsividade é um labirinto de causas e efeitos, desperdiçando tempo e energia. Sem o olhar sobre si mesmo, não existe transformação evolutiva.

18 de agosto de 2012

Com a barriguinha cheia de centeio e abacate, UNA SUAVE FOLLIA ecoa pelo recinto, trazendo vozes em meus ouvidos...

A vida deve ser composta de atos de amor.

Nossos erros podem servir de ensinamento a outras pessoas, basta enxergar o que a vida tem para nos oferecer e ensinar, nem que para isso seja necessário destruir nós mesmos, transformando-nos em pó. Veja como a esbelta Fênix renasce de suas próprias cinzas, livre para voar mais alto.

Saibamos criticar mais as nossas ações que as ações dos outros. Isto é transformar nós mesmos, nossos hábitos, manias e atos perante outras pessoas e o ambiente em que estamos vivendo.

Valorizemos a força de nossos pensamentos vigiando-os constantemente para que não deixemos ser dominados por toda a maldade que somos capazes, transformando toda essa energia em força para superar nossos próprios obstáculos.

Saibamos utilizar todo o potencial de nossos membros, sentidos e criatividade para tornar o ambiente que vivemos mais agradáveis por meio de palavras e gestos; e que não caiamos nas armadilhas da ilusão que criamos a partir de nossos desejos provenientes do ego.

Sejamos humildes com nós mesmos ao analisarmos a verdadeira força que move nossos desejos e ambições mais profundas. Cedo ou tarde, descobriremos que somos tão viciados em nós mesmos, ao ponto de ficarmos cegos a beleza, alegria e ao bem-estar que tanto lutamos e almejamos em encontrar.

A vida é construída de momentos que devemos aproveitar ao máximo, com respeito ao nosso corpo, aos outros e a natureza a nossa volta. Com isso iremos despertar as gargalhadas mais sinceras, os sons mais agradáveis, brotando dentro de nós e a todos a nossa volta, a beleza mais sublime que somos capazes de criar...

*Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar,
Mas para transforma-lo;
Se não é possível muda-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo,
Devo usar toda a possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia,
Mas participar de práticas com ela coerentes.*

Paulo Freire



FONTE: Imagem da Internet

CONCLUSÃO QUE S(OU)TRA

UMA BORBOLETA EM PLENO VOO, DESCOBRINDO O PODER DE SUAS ASAS
E A POSSIBILIDADES DE NOVOS CAMINHOS.

(e precisa escrever mais?)



FIM DE UM CICLO
OBRIGADO A TODOS VOCÊS

REFERÊNCIAS

ABASTOS, M.A. Teatro de Bonecos: um gênero teatral que inclui educação. Disponível em <www.webartigos.com>. Acessado em 14 de dezembro de 2010.

AMARAL, E. Estudos Apícolas em Leguminosas. 1 ed. Piracicaba, 1953. 60 pg.
AMARAL, A.M. Teatro de animação. Governo Est São Paulo. FAPESP. São Paulo: Ed. Ateliê, 1993.

BRAGA, H. MÓIN-MÓIN: Revista de Estudos sobre o Teatro de Formas Animadas. Jaraguá do Sul:SCAR/UDESC, ano 3, v.4, 2007. Capítulo 18 – Aspéctos da história recente do Teatro de Animação no Brasil por Humberto Braga. Pag 243 – 274.

CAMINI, I. Escola Intinerante: na fronteira de uma nova escola. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 296 p.

DORST, J. Antes que a natureza morra: por uma ecologia política; tradução Rita Buonghermino. São Paulo: Edgard Blücher, 1973.

FERREIRA, M.R. Comunidades rurais de Guaratuba-Paraná: os limites e as possibilidades da opção extrativista como meio de vida no contexto do desenvolvimento rural sustentável. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Agronomia, Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. 222 pg.

FRIGOTTO, G. CIAVATTA, M. Educação Básica no Brasil na década de 1990: Subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. Educ. Soc., Campinas. V. 24, n. 82, p. 93-130, abril 2003. Disponível em www.cedes.unicamp.br

GUERRA, R.A.T; GUSMÃO, C.R.C.; SIBRÃO, E.R. Teatro de Fantoques: Uma estratégia em Educação Ambiental. LEAL – Laboratório de Educação Ambiental Lúdica, Dep. Sistemática e Ecologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPb). João Pessoa, PB. 1999.

GALVÃO, M. N. C. Possibilidades Educativas do Teatro de Bonecos nas escolas públicas de João Pessoa. Dissertação do Curso de Mestrado em Educação, Centro de Educação. João Pessoa, PB. 1996

HAMERMÜLLER, D.O. Projeto Político Pedagógico. Universidade Federal do Paraná (UFPR). Setembro, 2008. pgs 57.

IAP, Instituto Ambiental Paranaense. Unidades de Conservação do Paraná. Disponível em: <www.uc.pr.gov.br>. Acessado em 8 de maio de 2011.

ILLICH, I. Sociedade sem escolas. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 188 pg.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Disponível em: <www.ipardes.gov.br>. Acessado em 23 de maio de 2011.

KANTEK, R.T. Impactos ambientais na área de proteção ambiental (APA) de Guaratuba, Paraná, Brasil, sob o ponto de vista de moradores tradicionais. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 21 (2): 39-56, ago. 2009.

KARDEC, A. O Evangelho segundo o espiritismo. 365ª ed. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 2009. 288 pg.

KOUDELA, I.D; SANTANA, A.P. Abordagens metodológicas do teatro na educação. Ciências Humanas em Revista - São Luís, V. 3, n.2, dezembro 2005.

KRISHNAMURTI, J. A Educação e o Significado da Vida. 1 ed. Rio de Janeiro, 1969.

KRISHNAMURTI, J. Diálogos sobre a vida. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Cultrix, 1985. 318 pg.

MATURANA, H.R. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. 1 ed. São Paulo: Palas Athena, 2001. 288 pg.

MEDAUAR, O., 2005. Constituição Federal, Coletânea de Legislação de Direito Ambiental. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais – 4ª ed. rev., atual e ampl.

NAZARETH, C.A. Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC. Ano 6, v.7, 2010.

NOGUEIRA-NETO, P. A Vida e Criação de Abelhas Indígenas Sem Ferrão. São Paulo: Editora Nogueirapis, 1997. 447 ps.

PARENTE, J. Moin-Moin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC. Ano 1, v.1, 2005.

PELANDA, A.A. Mudanças comportamentais em crianças de 3 a 4 anos após vivenciar o círculo do amor. Trabalho de conclusão de Curso. Pós Graduação em Yoga Pedagógico e Neuroaprendizagem. ISAL. Curitiba, 2011. 47 pg.

PELANDA, A.A; SANTOS, L.P. Círculo do amor: um instrumento de auxílio ao desenvolvimento infantil: experiência com crianças de 2 à 4 anos. Internanational Conference. The Future of Education. PIXEL. Curitiba – Brasil, 2011. 5 pg.

RODRIGUES, A.S. Etnoconhecimento sobre abelhas sem ferrão: saberes e práticas dos índios guarani M'byá na Mata Atlântica. Piracicaba, 2005.

SARKAR, S.P.R. Pensamentos de P.R.Sarkar. 2ª ed. Brasília: Ed. Ananda Marga Yoga e Meditação, 2011. 293 pg.

SILVEIRA, S.M. Teatro de bonecos na educação. Mestre em Educação pela UFSC PERSPECTIVA. Florianópolis, v. 15, n. 27, p. 135 -145, jan.-jun. 1997.

WELL, P. A criança, o lar e a escola. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. 184 pg.